

ELISÂNGELA BARBOSA DOS SANTOS

LINGUAGEM VISUAL:

competências na leitura e interpretação de textos em EaD

Recife

2020



Universidade Federal Rural de Pernambuco
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância

ELISÂNGELA BARBOSA DOS SANTOS

LINGUAGEM VISUAL:

competências na leitura e interpretação de textos em EaD

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância, como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância/PPGTEG-UFRPE.

Orientador(a): Profa. Dra. Marizete Silva Santos

Linha de Pesquisa: Ferramentas Tecnológicas para Educação a Distância

Recife

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- 2371 Santos, Elisângela Barbosa dos
Linguagem visual: competências na leitura e interpretação de textos em EaD / Elisângela Barbosa dos Santos. - 2019.
75 f. : il.
- Orientadora: Marizete Silva Santos.
Inclui referências e apêndice(s).
- Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância, Recife, 2020.
1. Linguagem visual. 2. Leitura. 3. Ferramenta digital. 4. Educação a distância. I. Santos, Marizete Silva, orient. II. Título

CDD 371.39442

Universidade Federal Rural de Pernambuco
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância

LINGUAGEM VISUAL:

competências na leitura e interpretação de textos em EaD

ELISÂNGELA BARBOSA DOS SANTOS

Dissertação julgada adequada para obtenção do título de Mestre em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância, defendida e aprovada por unanimidade em 25/11/2019 pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador Prof(a). Dr(a). Marizete Silva Santos
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância - UFRPE

Profº. Dr. Rodrigo Nonamor Pereira Mariano de Souza
Membro Interno – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância – UFRPE

Profº. Dr. Antônio Carlos da Silva Miranda
Membro Externo – Programa de Pós-Graduação em (Mestrado Nacional, Profissional e Ensino de Física - MMPES) – UFRPE

Dedico este trabalho a minha família, que, soube compreender cada passo e cada dificuldade, pois, mesmo na ausência, ficaram ao meu lado aplaudindo cada conquista.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar a Deus, pela possibilidade de alcançar mais um degrau na minha vida e por conseguir, com êxito, a realização deste trabalho.

Agradeço o apoio incondicional de meu esposo, Fábio Luiz, e minha mãe, Isabel Barbosa, os quais nunca deixaram de acreditar em meus sonhos. Em memória, a meu pai Miguel Pereira, e especialmente aos meus filhos Lucas Santos e Fabiany Barbosa, que apoiaram e apoio compreenderam meu esforço com carinho.

Meu carinhoso obrigada aos professores do curso de Mestrado, em especial à Professora Dra. Marizete Silva Santos, a qual sempre apoiou as ideias e orientou de forma exemplar, de forma a nos fazer superar todas as dificuldades do decorrer do processo de escrita. A todos os colegas de curso e meus amigos que direta e indiretamente contribuíram para a efetivação deste mestrado.

RESUMO

O trabalho apresentado visa compreender a possibilidade da linguagem visual na construção da identidade na educação a distância, em que se faz necessário ler e interpretar as imagens visuais para a efetivação nas aulas. A análise de imagem mental é possível através dos elementos da linguagem visual, como padrão estético na transmissão de imagens por meio do fenômeno da interface gráfica. Esta pesquisa foi delineada como análise do efeito visual para a proposta na EaD, contemplando os desafios incluídos nas informações apresentadas nos componentes curriculares, os quais são decorrentes das dificuldades observadas para ler e interpretar textos. Diante dessa inquietação, emerge a ferramenta digital denominada “Livro de Registro Visual”, com intuito de mediar processos reflexivos, em que possibilitará o design do ambiente virtual, projetado a partir da temática “linguagem visual”. A Inteligência visual, entendida como a outra face de Criação, faz com que o sujeito seja o receptor da mensagem, requerendo novas necessidades com base no olhar contemplativo da informação diária e no poder que ela exerce em nossas interpretações. No entanto, tendo experiências proposicionais durante a formação do indivíduo, seja com educadores ou artistas, é o apogeu na leitura e interpretação de textos visuais, que tende a ser fundamental, a capacidade de ver além, na medida em que percebe a contemporaneidade. Para construir a aplicabilidade nesta modalidade, dialogamos com autores como: Donis A. Dondis, Vigotsky, Ostrower, Fava entre outros. Buscando a construção ou desconstrução de textos visuais, para experimentar a possibilidade da criação, não no sentido de transmissão e/ou recepção, mas como sujeitos do processo em atividades significativas.

Palavras-chave: Linguagem visual. Criação. Leitura. Ferramenta digital.

ABSTRACT

This work aims to understand the possibility of visual language in the construction of identity in distance education, where it is necessary to read and interpret visual images for the interpretation of classes. Mental image analysis is possible through the elements of visual language as an aesthetic standard in the transmission of images through the phenomenon of the graphic interface. This research was delineated as an analysis of the visual effect for the proposal in distance education, contemplating the challenges included in the information presented in the proposed curriculum components resulting from the difficulties observed to read and interpret texts. In order to mediate reflective processes, where will enable the design of the virtual environment, designed from the visual language theme. Visual intelligence, which is the other face of Creation, where the subject is the recipient of the message, requiring new needs based on the contemplative gaze of daily information and the power it exerts in our interpretatives. However, having propositional experiences during the formation of the individual, whether with educators or artists is the apogee in the Reading and interpretation of visual texts, something fundamental, the ability to see beyond to perceive in contemporary times. To build applicability in this modality, we dialog with authors such as: Donis A. Dondis, Vigotsky, Ostrower, Fava among others. Seeking the construction or deconstruction of visual texts, to experience how it is possible to create, not as transmitter and/ or receiver, but as process subjects in meaningful activities.

Keywords: Visual language. Creation. Reading. Digital tool.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Pontos.....	38
Figura 2	Pontos interligados.....	39
Figura 3	Linhas desordenadas.....	40
Figura 4	Linhas ordenadas.....	40
Figura 5	Ícone da ferramenta.....	63
Figura 6	Plataforma Moodle.....	63
Figura 7	Seleção de texto.....	65
Figura 8	Ponto focal.....	66
Figura 9	Ponto focal em imagens.....	66
Figura 10	Organização da síntese.....	67
Figura 11	Comentários do professor tutor.....	68
Figura 12	Reescrita das sínteses.....	68
Quadro 1	Dados de identificação.....	44
Quadro 2	Diário de Bordo	60

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Conhecimento em EaD.....	45
Gráfico 2	Ambiente virtual cursado em EaD.....	46
Gráfico 3	Dificuldade de interpretar textos.....	47
Gráfico 4	Elementos visuais no ambiente virtual.....	48
Gráfico 5	Conteúdos visuais.....	49
Gráfico 6	Ferramentas para interpretação de textos.....	50
Gráfico 7	Produção de recurso audiovisual.....	51
Gráfico 8	Leitor visual em EaD.....	52
Gráfico 9	Experiência de curso em EaD.....	53
Gráfico 10	Estratégias para leituras.....	54
Gráfico 11	Motivação para EaD.....	55
Gráfico 12	Auto avaliação.....	56
Gráfico 13	Dificuldades em EaD.....	57

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	Apresentação.....	15
2	LINGUAGEM VISUAL: PROCESSO DE CRIAÇÃO.....	21
2.1	Historicidade e contemporaneidade.....	21
2.2	Preparação, imaginação e criatividade.....	27
2.3	Processo criativo.....	29
2.4	Criação: da atividade ao conhecimento.....	30
2.5	Linguagem visual em ambientes virtuais.....	32
2.5.1	Linguagem e mensagem visual.....	33
3	ALFABETIZAÇÃO VISUAL.....	35
3.1	Caráter da alfabetização visual.....	35
3.2	Estética: interpretação e contemplação.....	37
3.3	Gestalt: a preparação do olhar.....	38
4	PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	41
4.1	Área de estudo e população.....	41
4.2	Tipo de pesquisa.....	41
4.3	Área de estudo.....	41
4.4	Métodos e instrumentos de coleta de dados.....	42
4.5	Caracterização dos sujeitos e do campo da pesquisa.....	42
5	ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS DA PESQUISA.....	44
5.1	Ambiente virtual e aprendizagem em EaD.....	44
5.2	Leitura visual e conteúdo em EaD.....	48
5.3	Avaliação em EaD.....	52
6	PRODUTO.....	58
6.1	Relato de experiência.....	58
6.1.1	<i>Diário de bordo: uma possibilidade de criação</i>	<i>58</i>
6.1.2	<i>Descrição do diário.....</i>	<i>59</i>
6.1.3	<i>Análise da atividade.....</i>	<i>60</i>
6.2	Produto: livro de registro visual.....	61
6.3	Ícone da ferramenta.....	62
6.4	Descrição geral da ferramenta.....	64

6.5	Passos da implementação da ferramenta.....	65
7	CONCLUSÃO.....	70
	REFERÊNCIAS.....	72
	APÊNDICE – A: Termo de Consetimento Livre e Esclarecimento.....	74

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa compreender as possibilidades da linguagem visual na construção da identidade na educação a distância, competência que é necessária à leitura e reflexão das imagens, para a compreensão e interpretação de textos. A análise de imagem mental é possível através dos elementos da linguagem visual como padrão estético na transmissão visual do fenômeno da interface gráfica. Esta pesquisa surgiu como análise do efeito visual na proposta na EaD para acadêmicos iniciantes nessa modalidade em graduações, contemplando os desafios incluídos nas informações apresentadas nos componentes curriculares, propostos decorrentes das dificuldades observadas em conhecer as referidas possibilidades em EaD.

A Inteligência visual, entendida como a outra face de Criação em que o sujeito é o receptor da mensagem visual, requer novas necessidades com base no olhar contemplativo da informação diária, bem como no poder que ela exerce em nossas interpretações. No entanto, tendo experiências proposicionais durante a formação do indivíduo, seja com educadores ou artistas, o apogeu na leitura e interpretação de textos visuais torna algo fundamental, a capacidade de ver além da percepção na contemporaneidade.

Não é tarefa dessa informação visual apresentar conceitos diversos em algo natural, pois a visão é um dos sentidos humanos, e o conhecimento visual na medida em que ele, enquanto idioma, possui códigos específicos, propocionará o aprimoramento dessa informação. Nessa perspectiva, para ser um proponente na mensagem visual, é necessária a compreensão do olhar, que parte do conhecimento além do que sabemos, para a possibilidade ver e gerar imagens além do ilusório.

Para isso, articulamos como base nesta pesquisa quatro etapas necessários para compreensão de uma informação visual coerente: no primeiro momento, a observação em um determinado objeto (texto) e/ou imagem é aplicada, considerando os elementos visuais; No segundo momento, propomos a descrição dos elementos visuais mencionados, contextualizando-os; No terceiro plano da pesquisa, é passível de análise o fato de queo leitor deve desenvolver outro escrito a partir do texto visual, colocando um valor perceptivo relacionado à contemporaneidade; E, finalmente, o quarto momento dispõe de exercícios da

criação com a leitura dialógica e a imagem mental, comparando a intencionalidade da criação com a interpretação causada pela leitura visual. As etapas descritas são possibilidades para o desenvolvimento da alfabetização visual, deixando a compreensão da leitura textual possível na formulação da interpretação da leitura e da escrita.

Para construir a aplicabilidade nessa modalidade, mantemos o diálogo com autores como: Donis A. Dondis, Vigotsky, Parsons e Ostrower. No corte histórico da arte nos séculos passados, que faz uso do processo criativo e da contemporaneidade, percebemos a presença de pontos comuns, o que diferem são as técnicas e materiais utilizados, mas ambos procuraram a construção ou desconstrução de objetos artísticos na realidade, a fim de experimentar a possibilidade da criação, não no sentido de criação e/ou recepção, mas como sujeitos do processo em atividades significativas.

O desenvolvimento de atividades envolvendo a criação requer treinamento contínuo como mencionado anteriormente. Utilizamos o exemplo de um historiador que reescreve sua biografia diariamente, não se limitando ao conteúdo de sua área, mas referindo-se ao conhecimento necessário sobre aprendizagem, sobretudo nas áreas artísticas, que na maioria das instituições, são resumidas a poucas horas por semana. Nenhuma prática coerente pode surgir em larga escala sem habilidade: o processo criativo baseia-se na formação de públicos criativos formados por um educador criativo.

Quando se reproduz somente práticas sem características criativas, o público - alvo - estudantes ou visitantes de exposições e galerias - tende a se desinteressar. Isso acontece pela exigência infrutífera da obrigação de ensinar conteúdos desarticulados da realidade, sem sentido para a vida cotidiana. A experiência é primordial para a aprendizagem, pois não há uso em práticas de conteúdo sem desafios, que podem estar relacionados às transformações em cada aluno e, em qualquer modalidade, não sendo restrito ao processo de educação a distância.

Com a retomada desse processo de criação, o que pode não ser compreendido é possível de ser repensado por meio das linguagens artísticas, mudando a realidade enfrentada, como as competências leitoras perdidas durante os anos escolares de crianças e jovens. O que foi reprimido nos anos escolares emerge, dando ao processo criativo uma abordagem espontânea do sujeito do

processo, ensinando a própria aprendizagem e habilidades no conhecimento. Em relação ao projeto de pesquisa apresentado, a natureza do trabalho foi qualitativo, nível descritivo, envolvendo acadêmicos do curso de Pedagogia com instrumental, por meio de questionários e procedimento com análise de conteúdos.

A contribuição pertinente para o efeito do resultado ocorreu no uso da linguagem visual na produção de conteúdos significativos para a construção de identidade no curso a distância. Nessa perspectiva, a aplicabilidade de elementos visuais não só possibilitou aprendizado significativo, como melhorou as produções elaboradas pelos acadêmicos na leitura e interpretação de sinais pertinentes à área em que atua o pedagógico.

A contemporaneidade sugere diferentes transformações que tendem a emergir no cotidiano. Diante das tecnologias de informação e comunicação, o sujeito responsável por articular e gerenciar sua formação baseada na Educação a Distância, percebe-se como leitor visual em um ambiente virtual. Sua atuação no cenário imensurável de informação requer habilidades e competências na articulação dessas novas tecnologias.

Vivemos em um momento pautado nas transformações exigidas por integrar as Tecnologias de Informação e Comunicação no âmbito educacional, sobretudo nas práticas pedagógicas. As referidas transformações tendem a contribuir para o andamento pedagógico, pois, além de promover agilidade no monitoramento das informações necessárias ao contexto escolar, proporciona reflexões nas práticas pedagógicas. Para viabilizar esse processo, o cursista de EaD, precisa rever as competências na formação da leitura visual. No cenário delimitado, a presente proposta de estudo visa explorar as competências necessárias no ambiente virtual, um perfil direcionado, também, para a linguagem tecnológica com vista no aperfeiçoamento constante e eficaz em suas competências.

Diante dessa proposta, os acadêmicos analisados têm acesso e acompanhamento individual, através da tutoria, que fazem parte da Faculdade com controle através de senhas. Cada usuário possui acesso de acordo com seu perfil, assim como há restrição em casos específicos a algumas informações. Cada disciplina proposta é de suma importância e permite uma visão macrocômica dessa modalidade de ensino, o que a torna imprescindível, de modo a facilitar a verificação de indicadores quantitativos e qualitativos para gerência de suas competências e,

dessa forma, diagnosticar e avaliar em tempo hábil para as intervenções necessárias.

As dificuldades na interpretação dos textos baseados na organização das imagens e outros dispositivos, propõem ferramentas de utilização efetiva em relação ao cenário educacional a distância, nesse caso para o cursista, pois se destaca por uma visão múltipla no gerenciamento da aprendizagem.

A intersecção desses fatores é interesse para este trabalho na busca incansável de refletir sobre o uso adequado das tecnologias utilizadas pelos acadêmicos, pois além da utilização eficiente, se faz necessário a busca eficaz da linguagem visual, para compreensão dos textos.

1.1 Apresentação

O tema apresentado neste trabalho destaca a temática: Linguagem Visual: competências na leitura e interpretação de textos em EaD, em que perpassamos a necessidade de buscar teorias que levantam a seguinte indagação: como a Linguagem Visual contribui no processo de leitura e interpretação de textos na EaD? Nessa linha de problematização, percebemos a imensa busca de organizar as hipóteses desse problema.

O universo artístico se torna imprevisível no cotidiano de cada indivíduo, pois a Arte é disciplina obrigatória nas escolas de educação básica, conforme determinação da Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96, desenvolvendo competências, habilidades e conhecimentos essenciais às manifestações culturais e sua apreciação deve ser cultivada por intermédio de oportunidades educativas, e a Linguagem Visual configura um dos conteúdos explorado na referida disciplina, assim também contemplada na Língua Portuguesa.

O indivíduo que possui um novo olhar, ou melhor, um olhar apreciador, conseqüentemente ampliará a sua participação como cidadão, negar esse conhecimento ao educando significa privá-lo da participação na vida cultural, moldando sua capacidade de criação artística e estética, os quais são contextualizados no tempo e no espaço.

O objetivo principal desta pesquisa consiste em verificar como os elementos da linguagem visual contribuem para o processo de construção de competências na leitura e interpretação de textos na Educação à Distância. Como objetivos

específicos que contemplam o linear desta dissertação, apresentamos: Caracterizar os elementos da linguagem visual como padrão estético na transmissão de imagens por meio do fenômeno da interface gráfica; Analisar os efeitos da alfabetismo visual como proposta de Educação a Distância, enfatizando a aprendizagem significativa na leitura e interpretação de textos; e Desenvolver a ferramenta “Livro de Registro Visual” para apropriação imagens inteligíveis nas aulas de EaD.

O marco teórico está pautado nas discussões sobre os hábitos de leitura recorrentes na última década, modificações consideráveis para o contexto educacional. A importância da linguagem visual no contexto da EaD, bem como a relação entre o professor/tutor, que sugere aproximação possível na aprendizagem significativa. Nesse contexto, rompe com o paradigma da leitura e da escrita como único transmissor de mensagens nos ambientes virtuais.

A partir da valorização da imagem como recursos estéticos visuais, e como aquisição de comunicação inteligível, a conexão entre tutor e cursista passa por redesenhar o processo ensino e aprendizagem, como destaca **Moreira** e Nejmeddine (2015, p. 35). Ensinar e Aprender nesses renovados cenários de aprendizagem flexíveis, em ambientes formais ou não formais, recorrendo à utilização de recursos de aprendizagem audiovisuais é, sem dúvida, um desafio, mas ao mesmo tempo muito exigente na atualidade. Nesse caso, o estudo da imagem merece análise específica, pois o conceito de estética vai além da beleza: faz-se necessário o verdadeiro significado que essa linguagem visual possibilita ao cursista.

O processo de leitura de imagem está intimamente ligado a alfabetização visual, o qual pode variar de acordo com o público e sua intenção, necessitando do desenvolvimento da interpretação da imagem mental. Os elementos visuais formam um universo particular, criado no contexto educacional em referencial representacional.

As linguagens artísticas são modos de conhecimento aos quais educadores e educandos devem ter acesso, compreendendo como indivíduos capazes de apreciação estética e criação artística, a incorporação da Arte-Educação nos últimos anos contribuiu de forma significativa para relação subjetiva com o mundo. Repensar o trabalho em que o educando possa vivenciar o conhecimento artístico e estético perpassa vários desafios e desconstruções de conceitos estereotipados, embasados em fundamentações teóricas.

Com relação à arte, existem teorias que podem contribuir para desenvolvimento estético e crítico dos alunos, principalmente no que se refere aos seus processos de produção e apreciação artísticas. São teorias que incorporam o relacionamento com as práticas e o acesso ao conhecimento da arte, mas sem a pretensão de atingir uma verdade única. O próprio conceito da arte tem sido objeto de diferentes interpretações: arte como técnica, lazer, processo intuitivo, liberação de impulsos reprimidos, expressão, linguagens, comunicação. (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 20)

Nesse sentido, outros estudos são baseados na criatividade e imaginação criadora como cita Buoro (2001), na função da imaginação criadora como produção não somente da Arte, mas também da ciência, compreendendo os processos mentais, bem como os processos criativos.

Para refletirmos sobre a questão da imaginação criadora, são necessários conteúdos que versam sobre a temática entre alguns teóricos, inicialmente Vigotsky (1962) que destaca outros fatores que dependem a função imaginativa para melhor compreensão do tema.

Vigotsky (1962) destaca três momentos nesse processo: O primeiro considera a imaginação criadora como resultante da reformulação de experiências vividas, combinadas com outros elementos do mundo real. O segundo incorpora a participação do afetivo e dos elementos sociais que envolvem o indivíduo. Já o terceiro, objetiva a criação como resultado de um processo que interfere na transformação do mundo.

Nessa perspectiva, o autor parte da premissa de que a criação depende desses três momentos, sendo que cada momento desse processo ocorre de forma diferente entre crianças e adultos. Buscamos com Ostrower (1990) a manifestação dessa imaginação destacada entre crianças e adultos, em que a autora cita a criatividade no primeiro exemplo e se manifesta de forma espontânea, no brincar, sonhar, simbolizar, entre outros, para a criança criar e viver.

Aprender com a criatividade é constante e processual na vida do ser humano. Segundo Silva (2006), um fenômeno comum a todas as culturas, desde as mais primitivas às mais civilizadas, é a arte. Essa expressão de sentir e criar reflete a possibilidade de concretizar a nossa imaginação de forma que possa ser percebido ao olhar apreciador, modificando através do tempo e da cultura de uma sociedade como cita Silva (2006, p. 42):

O processo de simbolização é uma capacidade humana que requer abstração e capacidade para transformar uma coisa em outra. Para criar é preciso ter ideias e descobrir como coloca-las em funcionamento. É preciso estar engajado em um processo de formação de conceitos dos quais estes são abstraídos ou criados, ou seja, transformados em realizações formais.

Nesse sentido, o entendimento da arte como simbolização tem o poder de modificar a realidade diante de multicaminhos. Um deles se faz no processo de criação que deve ser vivenciado no início da vida escolar, perpassando a imaginação criadora presente na linguagem artística.

Segundo as ideias expostas, percebemos a subjetividade como forma de vivência, principalmente no cotidiano do sujeito, baseado em regras, formalizado em diferentes épocas e estilos de viver. O ser humano é atrelado a valores e visão de sujeito, visão de educação, de perceber o ensino das linguagens, para desenvolver uma concepção de Leitura e interpretação de textos visuais nos educandos.

Barbosa (2003), Martins, Picosque e Guerra (1998) e Lavelberg (2003) em suas obras de explanação e aprofundamento aos campos conceituais da arte, defendem que essa proposta foi articulada no PCN – Arte explicitada nos três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar, realinhados atualmente com a Base Nacional Curricular.

A partir da soma dos estudos de vários teóricos do ensino de arte, podemos estruturar três campos conceituais que são fundamentais para o ensino da arte: criação/produção, percepção/análise, conhecimento e contextualização conceitual–histórico–cultural da produção artístico–estética da humanidade... (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p.46)

Os campos se constituem como complementares e podem ser estudados separadamente para compreendermos melhor a relação do sensível com o mundo que nos cerca. A linguagem artística constitui a criação, invenção do ser humano, todo o processo de produção, na medida em que o criador mergulha no conflito entre o impulso para criar e o que se deseja; entre subjetividade e a objetividade, ambos partem no jogo da criação. A intencionalidade na composição é que estrutura o trabalho de criação, diante das expectativas dos sentidos e da imaginação.

Sobre a filosofia da criação, destacamos a contribuição de Meira (2003), Maturana (2001), Deleuze e Guattari (1996) e Pareyson (1993). Para compreensão da arte na contemporaneidade e no âmbito escolar, faz-se necessário o conhecimento da educação visual, da subjetividade interativa, que compõe os

saberes acerca do sensível e como a arte pode fundamentar a atuação criadora diante da proposta filosófica entre ético-estética. Como a arte contemporânea trabalha com a dualidade entre os conhecimentos de ontem e de hoje, o sentido do sensível nas criações integram arte, cultura e educação, promovendo aprendizagem.

Ao contrário do que se pensa, a criação envolve aprendizagem. Apesar de todos nascerem artistas, ninguém se torna artista sem luta e sem trabalho com a criação, com as informações, deformações e formações que os atos de criação propõem ao criador concretamente. Meira (2003, p. 122).

Os desafios com as mudanças no sentido do sensível criador fundamenta a pretensão artística da filosofia da criação, em que a relação entre arte e vivência perpassa toda a dinamicidade do conhecer e do fazer, diante da vivência do educando na prática das invenções propostas pelas linguagens artísticas. Essa sensibilidade criadora só emerge a partir do desejo, essência básica para o processo educativo, exigindo de nós educadores a capacidade de ultrapassar a aparência comum e ir à penetrável subjetividade, olhando além do visual.

(...) rodeia-se de uma névoa de imagens virtuais, essa névoa eleva-se de circuitos coexistentes mais ou menos extensos, sobre os quais se distribuem e correm as imagens virtuais (...) eles são ditos virtuais à medida que sua emissão e absorção, sua criação e destruição acontecem num tempo menor do que um mínimo de tempo contínuo pensável, e à medida que essa brevidade os mantém, conseqüentemente, sob um princípio de incerteza ou indeterminação. (DELEUZE (s. d.) apud MEIRA, 2003, p.117).

A ressignificação do trabalho nas linguagens da arte, no olhar apreciador que norteia o processo de criação, define a construção estética repleta de desejo e construção de conceitos. Entre filosofia e arte ocorrem as interlocuções na estética do cotidiano, capazes de reorganizar as relações diante dos sentidos. Para Maturana (2001, p. 195) nós humanos, vivemos experiências estéticas em todos os domínios relacionais nos quais lidamos.

Na expressão e criação, o artista necessita dosar a espontaneidade, reflexão, sensibilidade e pensamento, todos relacionados e provenientes no momento de criação. Cabe ao criador instaurá-los durante esse processo, pois a relação entre esses elementos potencializará a fruição.

A sensibilidade não é nunca tão imediata que não condense, na própria espontaneidade, todo um exercício de pensamento e toda uma série de escolhas, apreciações e juízos: por outro lado, a atividade do pensamento suscita e rege o movimento consciente da interpretação e do juízo que procede a uma avaliação refletida da obra culmina num ato de fruição, isto é, do supremo cume da contemplação. (PAREYSON, 1993, p. 175)

Segundo Meira (2003) a relação entre pensamento e sensibilidade é de mútua implicação. Não podemos reduzir o ato interpretativo meramente a uma explicação intelectual. O gosto pelas obras de arte ou objetos de arte está ligado a afinidades, impregnados dos gostos eletivos. As leituras podem ser diversas enquanto necessidades ou atos exploratórios, mas a associação, na maioria das vezes, decorre da arte, d vida e da cultura, com todo bojo do cotidiano.

Este trabalho está estruturado em sete capítulos. No capítulo I destaca a apresentação do trabalho com ênfase nos elementos constituintes do projeto de pesquisa. Nos capítulos II e III temos a fundamentação teórica sobre linguagem visual e seus elementos constitutivos. No capítulo IV é relatado o universo da pesquisa a partir do percurso metodológico, já no Capítulo V apresentamos a análise dos dados e resultados por meio de gráficos. Em relação ao capítulo VI, realizamos a descrição do produto e suas especificidades e finalmente o capítulo VII, as considerações finais.

2 LINGUAGEM VISUAL: PROCESSO DE CRIAÇÃO

2.1 Historicidade e Contemporaneidade

Para nítida compreensão da expressão criativa, desde os primórdios até a contemporaneidade, são necessárias as constantes interações entre o sujeito e o mundo, as influências sobre o sujeito e sua capacidade de interagir no ambiente. As diversas linguagens utilizadas pelo homem são expressões apresentadas por meio de diversos códigos. Na arte, o conhecimento busca uma verdade relacionada ao sensível, fundamentada na subjetividade do artista criador, e analisada no contexto histórico da sociedade.

Contudo, o ser humano também produz coisas que, apesar de não terem uma utilidade imediata, sempre estiveram presente em sua vida. É a respeito delas que nos perguntamos por que e para que foram feitas. A resposta a esta pergunta nos mostra que o homem cria objetos não apenas para se servir utilitariamente deles, mas também para expressar seus sentimentos diante da vida e, mais ainda para expressar sua visão no momento histórico em que vive. Essas criações constituem as obras de arte e também contam – talvez de forma muito mais fiel – a história dos homens ao longo dos séculos. (PROENÇA, 1999, p. 6 – 7)

O panorama histórico apresentado inicia-se no período do Paleolítico (de 30.000 A.C a 10.000 A.C) com o naturalismo pré-histórico. Inicialmente, a arte tinha por objetivos a magia e não a expressão estética. Segundo Hauser (1972), esse período foi antecedido da fase pré-mágica, constituindo dessa forma as condições prévias da Arte. As ideias desenvolvidas nessa fase de semelhanças e cópias constituem o ponto inicial do processo de criação da humanidade, pois no homem surge a ideia de criação.

A principal característica dos desenhos da Idade da Pedra Lascada, nome pelo qual também é conhecido Paleolítico superior, é o naturalismo. O artista pintava os seres, um animal, por exemplo do modo como o via de uma determinada perspectiva, reproduzindo a natureza tal qual sua vista a captava. Assim, a arte do homem desse período, diferentemente da de outros, retratava apenas o que o artista vê. (PROENÇA, 1999, p. 10 – 11).

Durante milhares de anos, permaneceu o estilo naturalista. Somente com a transição para o neolítico (de 10.000 A.C a 4.000 A.C), muda-se o estilo para o geometrismo, momento que o homem passa a utilizar formas, conceitos e a

simbologia em detrimento da reprodução de imagens reais. Esse gigantesco passo tem como essência primordial a pretensão de criar. Segundo Hauser (1972), a obra de arte deixa de ser a representação pura de objetos materiais e converte-se na tradução de uma ideia: não somente uma reminiscência, mas também uma visão. Segundo a explicação de Proença:

Mas não foi apenas a maneira de desenhar e pintar que sofreu modificações. Os próprios temas da arte mudaram: começaram as representações da vida coletiva. Como as pessoas passaram a serem representadas em suas atividades cotidianas, um novo problema se colocou para o artista: dar ideia de movimento através da imagem fixa. E o artista do Neolítico conseguiu isso de uma maneira eficiente... A preocupação com o movimento fez com que os artistas criassem figuras leves, ágeis, pequenas e de pouca cor. Com o tempo, essas figuras foram se reduzindo a traços e linhas muito simples, mas que comunicavam algo para quem as via. Desses desenhos surge, portanto, a primeira forma de escrita, a escrita pictográfica, que consiste em representar seres e ideias pelo desenho. (PROENÇA, 1999, p. 14).

Na Idade Antiga, que se inicia com o aparecimento da escrita até 476 D.C, os artistas trabalhavam em oficinas para os sacerdotes e príncipes, exercendo atividades como escravas, no objetivo de criar ofertas à religiosidade e memórias de reis. Nesse contexto, as regras de criação passam a ser inalteradas como credos tradicionais. Em maior quantidade as representações pictóricas de cunho religioso, exaltavam os reis como deuses baseados na arte sepulcral, enquanto os pintores e escultores permaneciam como artífices anônimos, excluindo suas criações e subjetividade.

A arte egípcia estava intimamente ligada à religião servindo de veículo para difusão dos preceitos e das crenças religiosas. Por isso, era bastante padronizada, não dando margem à criatividade ou à imaginação pessoal. Assim, os artistas egípcios foram criadores de uma arte anônima, por a obra deveria revelar um perfeito domínio das técnicas e execução o estilo do artista. (PROENÇA, 1999, p. 19).

Inovações na arte não eram permitidas, assim como qualquer tipo de reforma, pois as alterações eram temidas na ordem vigente, sendo as regras tradicionais da arte tão sagradas e invioláveis como os credos religiosos e as formas de culto. Assim, os artistas eram artífices anônimos, no máximo apreciados nessa condição. Não eram vistos como personalidades em si, mas como trabalhadores manuais (Giron, 2007 p.41).

Apesar dos artistas anônimos não contemplarem uma liberdade criativa, o cultivo da música estudada pelos egípcios em outros povos, aprimorou-se a utilização e criação de instrumentos musicais. Na arte grega, o ápice ocorreu com a origem do teatro, entusiasmado através de festivais para homenagem aos deuses, influenciando inclusive a arquitetura.

Segundo Proença (1999), o contato com as culturas do Egito e do Oriente causou admiração e espanto nos gregos, devido as suas criações artísticas. As esculturas merecem destaque. Assim, o artista passou a utilizar outros materiais mais maleáveis, permitindo aprimorar a expressividade, movimentos e drapejamento. A criação de vários instrumentos musicais como: lira, pan, flauta, além dos inestimáveis conhecimentos científicos e o sistema de notação musical, fizeram parte da formação espiritual e dos valores do povo grego, preservado e reproduzido em suas criações pelo povo romano. Como comenta Proença (1999), a arte romana sofreu duas fortes influências: a da arte etrusca, popular e voltada para a expressão da realidade vivida, e a da arte grego-helenística, orientada para a expressão de um ideal de beleza. Mas no final do século I d. C., Roma já havia superado essas duas influências – a grega e a etrusca – e estava pronta para desenvolver criações artísticas independentes e originais.

Na Idade Média (476 D.C até 1453), segundo Giron (2007), esse longo período se estendeu desde a queda do Império Romano até a tomada de Constantinopla, onde foi centralizado os trabalhos intelectuais – ciências e ensino, arte e literatura – nos mosteiros, as artes manuais eram atividades no currículo dos monges, na sociedade eram aplicados somente aos reis e altos senhores.

As construções das igrejas, catedrais e abadias eram voluntosas e determinadas pelo clero, porém, apesar das decisões coletivas, não podemos ocultar o valor do processo criador dos indivíduos de forma consciente e obra de faculdades intelectuais, mesmo anônimas. Esse longo período que durou aproximadamente oito séculos oportunizou o desenvolvimento de várias linguagens artísticas com padrões e estilos específicos, que foram: arte cristã primitiva, arte bizantina, arte românica e arte gótica.

Posteriormente, na Idade Moderna surge o movimento que buscava a renovação cultural e artística, o Renascimento, que destacava uma arte para a elite, inspirada em modelos grego-romanos e valorizava a perfeição das formas, surgindo como destaque grandes artistas com estilos próprios e valorizando o artista como

criador individual, ímpar, superior na capacidade de criar, dentre esses temos: Masaccio, Fra. Angélico, Paollo Ucello, Pierro dela Francisca, Botticelli, Rafael, Leonardo da Vinci, Michelangelo, entre outros.

Na verdade, o Renascimento foi um momento da História muito mais amplo e complexo do que o simples reviver da antiga cultura grego-romano. Ocorreram nesse período muitos progressos e incontáveis realizações no campo das artes, da literatura e das ciências, que superaram a herança clássica. O ideal do humanismo foi sem dúvida o móvel desse progresso e tornou-se o próprio espírito do Renascimento. Num sentido amplo, esse ideal pode ser entendido com a valorização do homem e da natureza, em oposição ao divino e ao sobrenatural, conceitos que haviam impregnado a cultura da idade média. (PROENÇA, 1999, p. 78).

As inúmeras encomendas de obras de arte neste período suscita o artista como trabalhador intelectual livre, com status social em ascensão. Surgem desta forma escolas para aprendizes, pautadas em oficinas com características artesanais e metodologias individuais. Para consolidar o perfil do artista, muitas crenças foram reinterpretadas, com o advento da filosofia, novas descobertas, invenções na área científica, bem como o poder da religião, que ainda era muito forte e perpassava as classes sociais. Em muitos casos, os artistas criadores tinham de se submeter aos estereótipos impostos, ora pela igreja, ora pela burguesia. A maior parte das pesquisas artísticas eram feitas escondidas em ateliês, com disfarce de escritas e utilização de códigos ou desenhos para proteger seus processos de criação.

Segundo Hauser (1972) o desenho tornou-se a fórmula direta da criação, porque constituía a expressão mais flagrante do fragmentário do incompleto e do não completável; que em último caso é peculiar a todas as obras de arte.

No período entre os séculos XVI e XVIII, desenvolveu-se na Europa o estilo barroco, com a reforma protestante, movimento religioso que influenciou vários fatores, entre eles o cultural. Ao passo em que tal movimento ganha influência, surge a contra-reforma, período que a igreja católica retomou à edificação de novas arquiteturas, para trabalhar novamente a serviço da religião.

Nesse panorama, a arte procurou despertar no observador o sentimento do incompreensível com abundância de detalhes, não somente na pintura, mas com louvor nas esculturas, arquitetura e móveis decorativos, com abundância de detalhes e as criações são baseadas em peças originais. No Brasil foram os jesuítas que trouxeram esse estilo, passando a adquirir características próprias, principalmente na arquitetura.

O Barroco brasileiro é claramente associado à religião católica. Por todo o país, são inúmeras as igrejas construídas segundo os princípios desse estilo. Mas a também muitos edifícios cívicos – como cadeias, câmaras municipais, moradias de pessoas ilustradas – e chafarizes que apresentam nítidas características barrocas. (PROENÇA, 1999, p. 196).

O final do estilo Barroco desenvolveu naturalmente o Rococó, com temática diferenciada e padrões fixos. As criações nesse estilo se destinam às classes mais elevadas, tem característica peculiar, ativa e requintada, contemplando a valorização da cor.

Nas últimas décadas do século XVIII, após a revolução Francesa, prevaleceu o retorno à antiguidade grego-romana nas linguagens artísticas, pautado no neoclassicismo, que passou a ser ensinado nas academias das belas-artes. No Brasil, o Neoclassicismo surgiu com a transferência da corte portuguesa, período em que foram criadas várias instituições e que foi marcado pela chegada da Missão Artística Francesa em 1816, artistas como Debret e Taunay, fundaram a Escola de Belas-artes, o processo criativo estava voltado a temas históricos e retratos, contemplando os modelos clássicos.

Uma referência importante para a compreensão do ensino de arte no Brasil é a célebre Missão Artística Francesa trazida em 1816, por dom João VI. Foi criada, então, a Academia Imperial de Belas – Artes, que após a proclamação da República passou a ser chamada de Escola Nacional de Belas – Artes. O ponto forte dessa escola era o desenho, com a valorização da cópia fiel e a utilização de modelos europeus. O Brasil, especialmente em Minas Gerais, vivia naquele tempo a explosão do Barroco, mas o Neoclassicismo trazido pelos franceses é que foi assumido pelas elites e classes dirigentes como o que havia de mais “moderno”. A arte adquiriu a conotação de “luxo”, somente ao alcance de uma elite privilegiada que desvalorizava as manifestações artísticas que não seguiam esses padrões. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 10 – 11).

Com a Revolução Industrial no século XIX, inúmeras mudanças ocorreram no campo social, político e cultural, e a arte não ficou alheia ao processo. Contrapondo as ideias do academicismo, o Romantismo subjetivista perpassava desde os temas históricos aos dinamismos das emoções humanas, o processo criativo do artista estava nos dinamismos, movimentos, angústias ideológicas, aspirações e paixões, expressões presentes em todas as linguagens: música, literatura, escultura, pintura entre outras.

Com o advento da tecnologia e ciência, outra tendência estética emerge: o Realismo. Tal movimento abordava aspectos expressivos da realidade imediata, o

artista manifestava, através das artes, as injustiças e desigualdades sociais, a criação permanece ligada as questões sociais. No cenário brasileiro, os trabalhos dos pintores tentava ultrapassar as técnicas permeadas do neoclassicismo, ganhando espaço. O artista Visconti, com viagens a Europa, dialogou com trabalhos impressionistas, inovando o cenário brasileiro através de experiências com efeito de luz.

A visão de sociedade se modificou no final do século XIX, com inúmeras transformações no setor de produção industrial, invenções como a fotografia, telefone, avião entre outras, que passam a ser realidade para a sociedade, com tantas inovações, o processo de criação para os artistas passa a ocorrer ao ar livre, onde se buscava a luz natural, é nesse contexto emerge o Impressionismo. Segundo Hauser (1972) o Impressionismo é um estilo urbano porque descreve a mutabilidade, o ritmo nervoso, as impressões súbitas, pungentes, mas sempre efêmeras da vida nas cidades. Com as cores, em si mesmas, descobre sensações que as linguagens da música e da poesia também expressam.

No século XX, os ritmos urbanos continuam acelerados, fatos importantíssimos marcam essa época, como a primeira guerra Mundial, o Facismo na Itália, o Nazismo na Alemanha, a Segunda Mundial, Guerra no Vietnã, no Golfo Pérsio, entre outras. Nessa eclosão de conflitos, o homem contemporâneo representa na arte sub-divisões com ideias próprias e linguagens específicas, surgindo o Expressionismo, Fauvismo, Cubismo, Futurismo, Abstracionismo, Dadaísmo, Surrealismo, Pintura Metafísica, Op-art e a Pop-art.

No Brasil, o marco para a arte foi a Semana de Arte Moderna em 1922, em que a produção de criação estava voltada para o subjetivismo, afastando-se do belo natural. Segundo Proença:

A divisão entre os defensores de uma estética conservadora e os de uma renovadora, prevaleceu por muito tempo e atingiu seu clímax na Semana de Arte Moderna realizada nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. No interior do teatro foram apresentados concertos e conferências, enquanto no saguão foram montadas exposições de artistas plásticos, como os arquitetos Antônio Moya e George Prsyrembel, os escultores Víctor Brecheret e W. Haerberg e os desenhistas e pintores Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Jown Graz, Martins Ribeiro, Zina, Aita, João Fernando de Almeida Prado, Ignácio da Costa Ferreira, Vicente do Rego Monteiro. Estes eventos da Semana de Arte Moderna foram o marco mais caracterizador da presença, entre nós, de uma concepção do fazer e compreender a obra de arte. (PROENÇA, 1999, p. 230).

Na contemporaneidade, muito se tem criado na área artística com infinitudes de expressões. Percebe-se a criação de uma obra com aprendizagens que envolvem contextos e códigos de trabalho, relacionadas ao conhecimento sensível, segundo Meira (2003, p. 34):

Os processos artísticos e criadores operam hibridismo que ocasionam transformações nas pedagogias e nas práticas e reflexões entre teoria, prática e contexto de vida. Nem sempre há um cuidado quanto ao sensível e ao tratamento que merece a experiência estética.

Pensar em criação é compreender leituras multiformes ligadas ao sensível, e a arte passa a se mostrar como interpretação crítica, pautando-se na criação de uma realidade que perpassa o real e a ordem imposta, ao passo em que busca efeitos conceituais através de práticas criadoras, práticas estas compreendidas no cotidiano escolar baseada em conteúdo, que fundamentam o fazer artístico. Nenhuma atividade de arte, em qualquer das linguagens (dança, teatro, artes visuais e música) deve ser apresentada aos educandos no processo de criação como algo aleatório do contexto histórico da arte, caso contrário imagina-se conteúdos esvaziado em fundamentação teórica.

Aprender a perguntar, a questionar e a encontrar respostas para as questões a respeito das obras artísticas de nosso convívio, seus autores, seus espectadores, situados no tempo/espaço local e internacional poderá ajudar na ampliação e diversificação do nosso repertório prático e teórico relativo às dimensões do processo artístico. (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 141).

2.2 Preparação, imaginação e criatividade

A audácia humana é presença da imaginação, que nos diferencia dos demais animais. Somos seres capazes de criar símbolos com significados primordiais para interpretar a realidade. Baseada nesta premissa, surge a arte, disposta de questões conceituais se constituindo linguagem e com códigos específicos e nem sempre inteligíveis. Ao se pensar nesta área como expressão de cada época em tempos contemporâneos, diante do ecletismo típico da nossa sociedade e da tecnologia presente neste século cada vez mais no cotidiano, a invasão tecnológica vem trazendo novos caminhos para o fazer artístico, bem como para a estética.

A natureza dialética dos novos caminhos artísticos perpassa o processo de criação e a imaginação criadora que a escola deve proporcionar para o educando e

despertar no educador. Todos os contatos com materiais diversificados que a criança tem oportunidade de manusear permite que ela cria neste contato fermentação para a imaginação criadora que é também um modo de conhecer. Segundo Martins, Picosque e Guerra (1998, p.118):

Valorizar o repertório pessoal de imagens, gestos, “falas”, sons, personagens, para que os aprendizes persigam respeitar o ritmo de cada um no despertar de suas imagens internas são aspectos que não podem ser esquecidos pelo ensinante de arte. Essas atitudes poderão abrir espaço para o imaginário.

Aventurar-se no mundo da arte requer dois polos interligados: a percepção estética, que não é apenas coleta de dados, e sim o entrelace do sensível no mundo, a significação do ser no mundo, contemplando todo um referencial de vivências.

Para compreensão do processo criativo iniciaremos sobre o conceito de criatividade. Segundo os estudos sobre o referido tema da arte-educadora, Fayga Ostrower nos diz que criar significa compreender e integrar o compreendido em nosso nível de consciência. Portanto, a criação depende das convicções, interação pessoal, vivências e das motivações num processo de conscientização. Ressaltando a temática, dialogamos com os seguintes teóricos: Vygotsky, Ana Mae Barbosa, Fayga Ostrower, Donis a Donis e Hernández, entre outros, teóricos essenciais para compreender o processo de criação, a arte como conhecimento.

Respaldado no processo de aprendizagem que acompanha toda a vida humana, não poderia a criatividade estar descontextualizada, pois ocorre ao longo dessa vivência. Segundo Hernández (2000, p. 85) “se a criatividade é um dom individual, o ensino da arte não é necessário”. Sabemos que os mitos assolam a escola de forma tão impregnada que os estereótipos se tornam verdades indissolúveis no cenário educacional, com maior ênfase no ensino das artes, em que a perpetuação de fazeres descontextualizados, torna quase inacessível o processo de criação, principalmente nas séries iniciais. Ser criativo não é privilégio de poucos, também não pode ser distanciados dos enfoques sócio-históricos, pois é passível de ser abordado em diferentes áreas pode ser ajustado a objetivos distintos.

Apesar das diferenças nas concepções sobre pensamento criativo, na escola todas as áreas de conhecimento devem primar à responsabilidade, não somente a Educação Artística, uma vez que é campo privilegiado da arte na medida em que

cada linguagem artística (artes plásticas, música, dança e teatro) existe um leque de oportunidade para a imaginação criadora e a percepção. Criar e ser criativo depende do desenvolvimento e do estímulo através do conhecimento artístico e da elaboração de uma expressão estética pessoal.

2.3 Processo criativo

No recorte histórico entre o professor de arte de séculos passados - que faz uso do processo criativo - e o professor contemporâneo, percebemos que possuem pontos comuns, o que diferem são as técnicas e materiais utilizados, porém ambos buscaram construção ou desconstrução de objetos artísticos. Com isso, vemos que cabe ao educador pensar em como é possível ensinar a criar, não como transmissor e/ou receptor, mas como sujeitos do processo nas atividades significativas. Segundo Lavelberg (2003, p. 78):

Se o conhecimento está à perpétua transformação ao longo do tempo, a formação do educador também deve ser constante. Nesse sentido, a formação inicial é revisitada pelo imaginário do monitor contemporâneo, à medida que realiza sua formação contínua. Como um historiador de si mesmo o educador reescreve sua biografia profissional todos os dias e a reconstrói conforme seu imaginário se transforma, orientado por suas experiências de aprendizagem em sentido lato.

Desenvolver atividades que envolvem criação requer formação continuada como citada anteriormente, como um historiador que reescreve sua biografia cotidianamente, não se limitando ao conteúdo de sua área, mas se reportando aos saberes necessários sobre aprendizagem, sobretudo na área artística, que na maioria das instituições é resumida a pouquíssimas horas semanais.

Nenhuma prática coerente pode emergir em larga escala sem competências e habilidades em saberes pedagógicos. O processo criativo se fundamenta a partir da formação de públicos criadores sendo capacitados, por um educador criador, proposta desenvolvida por Ana Mae Barbosa na década de 80, em que onde associou fazer, o apreciar e o contextualizar, ações intrinsecamente relacionadas, compondo, dessa forma, a proposta triangular para o ensino de arte.

Quando o educador apenas reproduz práticas sem características criativas, o público alvo tende ao desinteresse, seja ele composto por educandos ou visitantes de exposições e galerias. Isso acontece pela obrigatoriedade de ensinar conteúdos

mecânicos e desarticulados da realidade, sem sentido para a vida cotidiana. A vivência é primordial para a aprendizagem, de nada adianta práticas conteudistas sem desafio, vazia de transformações dentro de cada educando. Segundo Vasconcellos (2006, p. 43):

O processo de criação artística, além das especificidades inerentes a cada linguagem (teatro, artes plásticas, música) traz à tona questões do inconsciente que se constelam durante o processo de criação, permitindo àquele que o realiza a melhoria da autoestima, o desenvolvimento da consciência crítica e da cidadania.

Com a retomada desse processo de criação, o que antes poderia estar perdido vem à tona através das linguagens artísticas. Tais linguagens são passíveis de escassez no percurso escolar das crianças, jovens ou adultos. O que ficou reprimido emerge, oportunizando o processo criativo espontâneos aproximando o sujeito do processo ensino aprendizagem (professor-aluno) a si mesmo.

2.4 Criação: da atividade ao conhecimento

O educador é responsável em proporcionar a criação de atividades diferenciadas, em que o educando aprende para si e para a participação social.

Entretanto, para articular o conhecimento em arte faz-se necessário repensar a organização das disciplinas curriculares, já que eram explanadas de maneira separada, em módulos, lições, unidades entre outras estratégias. Muitos estudiosos se preocuparam com o significado do saber escolar, como relata Hernández (1998, p. 51):

Um sentido comum emerge entre todas as propostas: ensinar os alunos a pesquisar a partir dos problemas relacionados com situações da vida real. Entendo por "vida real" não só o próximo, mas também o modo em que hoje os saberes disciplinares propõem a pesquisa em seus respectivos domínios. Tudo isso como forma de enfrentar o dilema da seleção de algum conteúdo diante da multiplicidade de possíveis matérias e temas de estudo que hoje são oferecidos pelas diferentes disciplinas, os saberes organizados (não considera-los científicos) e as diferentes realidades sociais e culturais.

Nesse sentido, estratégias devem fundamentar procedimentos que contribuam com a aprendizagem significativa ao longo da vida do educando, possibilitando explorar a realidade e conseqüentemente as experiências dos

mesmos. Compreendendo as questões sociais, os atos humanos e todos os desafios que emergem nesta relação, a criatividade dialógica contida nessa perspectiva, deverá favorecer um conhecimento consistente no ensino das artes e no processo de criação, catalisando competências fundamentais para autonomia e imaginação criadora. Segundo Hernández (2000) a possibilidade de construir sua subjetividade cultural é essencial, frente à experiência fragmentada das disciplinas, mas compreendendo um currículo integrado, de caráter interdisciplinar. Dessa forma, o conhecimento em arte se configura como expressão ou representação de experiências em criação e estética, por intermédio de códigos, símbolos que são o foco da cultura e produção artística de uma sociedade.

Para fundamentar a construção e vivência de um currículo fundamentado no conhecimento, Coll (2006) nos diz que deve contemplar: o que se ensina; quando ensinar; como ensinar e que ensinar, como e quando avaliar. Essas afirmações se condicionam mutuamente, pois mostram diferentes aspectos de um mesmo projeto, explicando as intenções e o plano de ação do projeto educativo.

É importante ressaltar que, para que compreenda com precisão os princípios básicos desse enfoque curricular, Coll (2006) apresenta princípios gerais ou como destaca ideias-força que impregnam todo o Projeto Curricular, a saber: nível de desenvolvimento operatório, conhecimentos prévios; diferença entre o que o aluno é capaz de fazer sozinho e o que é capaz de fazer em contato com o outro; aprendizagem significativa; conteúdo significativo e atitude favorável para aprender significativamente.

A significação da aprendizagem deve estar vinculada à sua funcionalidade, estabelecer relações entre o novo conhecimento e os elementos já disponíveis pelo aluno. É preciso distinguir a memorização mecânica e repetitiva, aprender a aprender, na medida em que a estrutura cognoscitiva aluno pode ser concebida como um conjunto de esquemas e conhecimento. É imprescindível modificar os esquemas de conhecimento, já que é o objetivo da educação escolar. A visão de conjunto desses aspectos situa uma atividade mental construtiva do aluno.

Todos esses elementos comentados por Coll (2006) refletem na aprendizagem significativa que contempla o objetivo do ensino da arte em parâmetros gerais. Somente um currículo baseado no conhecimento significativo poderá proporcionar ao educando a apreciação e construção estética para

desenvolver o processo de criação e a imaginação criadora, reorientando a prática do educador.

2.5 Linguagem Visual em Ambientes Virtuais

Na construção de um hipertexto dinâmico, é necessário para compreensão da significância que o cursista atribui ao tema estudado, o uso eficiente desses recursos múltiplos, torna os objetivos da proposta mais claros, motivando não só a produzir, mas continuar em pesquisas futuras. A capacidade de leitura de imagens é primordial, como define (ROSSI, 2009) o poder da imagem não diminui, pelo contrário hoje vivemos na chamada “civilização da Imagem”. É a era da visualidade, da cultura visual. Há imagens por toda parte. E, com a entrada da tecnologia na produção de imagens, modificaram-se as bases do conhecimento humano.

Os recursos dinamizadores são essenciais na linguagem hipertextual quando se trata principalmente de Ambientes Virtuais. Conseqüentemente, conseguimos atingir um público na Educação a Distância, adequando de forma criativa o conteúdo digital. Conforme Palfrey e Gasser (2011, p.143), as motivações para outros tipos de criatividade digital não são em nada diferente das motivações para outros tipos de criatividade. Dessa forma, cada abordagem feita ao referido tema, na área específica, pode variar em recursos tecnológicos, imagens, charges, música entre outros, mas sem perder a funcionalidade.

O objetivo da linguagem hipertextual sempre será de aprendizagem e levantamento da reflexão crítica, sobre a construção do conhecimento em questão. Provocar o cursista de forma criativa poderá ser o diferencial, como aborda (PALFREY; GASSER, 2011) a revolução criativa no espaço cibernético não diz respeito a quem segue o que a quem também está relacionada à questão de quem consegue o controle da moldagem da nossa cultura, da criação de “Significado”. Esta é a área em que a internet está vivendo a altura de seu exagero. A capacidade de moldar e remoldar o entendimento cultural através da criatividade digital é uma em que o uso da internet, especialmente por parte dos nativos digitais, está realmente introduzindo algo diferente. Nesse sentido, os nativos digitais estão em melhor situação para o engajamento nesse processo.

As possibilidades do hipertexto para o cursista devem ser criativas, desafiadoras e instigantes, para pensar alternativas também criativas. Portanto, nos

referimos a mesma tática com recursos dinamizadores diferentes entre eles: links, internos ou externos, imagens de obras, imagens de propagandas, charges, tirinhas, músicas, jogos, realidade virtual, fóruns virtuais, entre outros. Segundo Hack (2011), os materiais didáticos que compõem um Ambiente Virtual praticamente ocupam o lugar do professor e, por isso, a preocupação com a linguagem dos hipertextos é salutar, construindo desta forma uma comunicação bidirecional.

Muitos profissionais são envolvidos para disponibilizar um ambiente virtual de aprendizagem cooperativa e interativa, de acordo com (HACK, 2011), “Nosso entendimento de aprendizagem cooperativa e interativa é: aquela que se desenvolve em um ambiente que incentiva o trabalho em equipe e respeita as diferenças individuais. A vivência em um grupo cooperativo e interativo deve permitir o desenvolvimento de competências pessoais e, de igual modo, o desenvolvimento de competências de equipe como: participação, coordenação, acompanhamento e avaliação.”

Diante do exposto, a funcionalidade dos profissionais que formam uma equipe multidisciplinar, deve permitir melhor qualidade no trabalho visual, porém não basta produzir, é necessário o uso eficaz e eficiente para alcançar a aprendizagem colaborativa e interativa na Educação a Distância.

Segundo Hack (2010), o uso eficiente de recursos dinamizadores é essencial em qualquer curso que utiliza a linguagem hipertextual, pois são múltiplas as possibilidades: quebrar a monotonia de um hipertexto; exemplificar de diversas formas a mesma temática; motivar os cursistas a continuar os estudos; ajudar os cursistas a criar relações para lembrar mais facilmente de informações prioritárias; ilustrar e tornar mais atrativo. Tais colocações são necessárias em ambientes virtuais e promove o diferencial para a leitura e interpretação dos textos.

2.5.1 Linguagem e mensagem visual

O processo que permite a compreensão da mensagem visual varia em consequência ao público que se destina. A demanda necessita do desenvolvimento possível da interpretação e imagem mental. Os elementos visuais formam um contexto compreensivo, oportunizando no contexto educacional um referencial de representação possível a partir dos elementos visuais. Dondis (2015) ressalta:

Expressamos e recebemos mensagens visuais em três níveis: o representacional – aquilo que vemos e identificamos com base no meio ambiente e na experiência; o abstrato – a qualidade cinestésica de um fato visual reduzido a seus componentes visuais básicos e elementares, enfatizando os meios mais diretos, emocionais e mesmo primitivos da criação de mensagens; e o simbólico – o vasto universo de sistema e símbolos codificados que o homem criou arbitrariamente e ao qual atribuiu significados.

Compreende-se que os três níveis citados (representacional, abstrato e simbólico), são interligados a partir do ato de olhar, possibilidade exigida para a leitura competente com o mundo ao nosso entorno, no primeiro momento para sobrevivência e adequação. Como elemento essencial para a compreensão visual, temos o sentido da visão, que nos fornece informações obtidas nos diversos níveis apresentados anteriormente através da eficiência visual.

Nesse sentido, a abstração dos símbolos que reconhecemos são importantes para compreensão das mensagens visuais. De acordo com Dondis (2015), quanto mais representacional for a informação visual, mais específica será sua referência; quanto mais abstrata, mais geral e abrangente.

Na interação entre os três níveis - representacional, abstrato e simbólico - apesar das características específicas, eles interagem. Se por um lado a informação visual sobressai no nível representacional, devido à percepção, a comunicação se torna eficaz em relação os elementos visuais.

Qualquer projeto visual requer os três níveis de estímulo visual. No último nível que é o simbólico, o reforço e o significado para a comunicação visual, constitui o mais importante. Ao propor passos para o processo criativo, algo é fundamental: o sujeito visualizador, que diante da mensagem, atribuirá juízos estéticos de interpretação, compartilhando subjetividades. No diálogo com Dondis (2015), os juízos estéticos que se valem de termos de beleza não precisam estar presentes nesse nível de interpretação, mas devem ficar restritos ao âmbito dos pontos de vista mais subjetivos.

Portanto, o efeito visual encontra ressignificação entre a mensagem e o significado, diante do contexto vivenciado.

3 ALFABETIZAÇÃO VISUAL

3.1 Caráter da Alfabetização Visual

A possibilidade de linguagem visual na construção da identidade na educação a distância perpassa a necessidade de ler e interpretar as imagens visuais para a interpretação dos textos em EaD. Para análise de imagem mental, é preciso abordar os elementos da linguagem visual como padrão estético na transmissão de imagens. A Inteligência visual, outra face de Criação em que o sujeito é o receptor da mensagem visual, requer novas necessidades com base no olhar contemplativo da informação diária e no poder que ela exerce em nossas interpretações.

No entanto, tendo experiências proposicionais durante a formação do indivíduo, seja com educadores ou artistas é o apogeu na leitura e interpretação de textos visuais que se faz fundamental, a capacidade de ver, além de perceber. Não depende dessa informação visual, apresentar conceitos diversos em algo natural. De acordo com Dondis (2015) a visão é natural; criar e compreender mensagens visuais é natural até certo ponto, mas a eficácia, em ambos os níveis, só pode ser alcançada através de estudo.

Todos os sentidos humanos a visão é um dos mais importantes, mas o conhecimento visual, na medida em que é um idioma, como citado anteriormente é disposto de códigos. Desta forma, para ser um proponente na mensagem visual, é necessária a compreensão do olhar contemplativo e investigador, que parte do conhecimento que está além do que sabemos e percebemos, para ver e gerar imagens além do ilusório que nosso olhar capta.

Nesse contexto, pode-se articular algumas maneiras orientadoras: inicialmente, a observação em um determinado objeto e/ou imagem é aplicada, considerando os elementos visuais; No segundo momento, a descrição dos elementos visuais mencionados, contextualizando-os; No terceiro momento, o leitor deve desenvolver a partir do texto visual, outro escrito, colocando um valor perceptivo relacionado à contemporaneidade; E, finalmente, no quarto momento é disposto um espaço para exercer a criação com a leitura dialógica e a imagem mental, comparando a intencionalidade da criação com a interpretação mental causada pela leitura visual. As etapas descritas devem ser enfatizadas para aprimorar o entendimento e possibilitar o desenvolvimento da alfabetização visual,

deixando a compreensão da leitura textual possível na formulação da interpretação da leitura e da escrita.

No contexto histórico da arte nos séculos passados - que faz uso do processo criativo - e da contemporaneidade, percebemos pontos comuns, o que diferem são as técnicas e materiais utilizados, mas ambos procuraram construção ou desconstrução de objetos artísticos, na realidade, para experimentar como é possível Para criar, não como transmissor e/ou receptor, mas como sujeitos do processo em atividades significativas. Para Dondis (2015):

O alfabetismo visual deve operar de alguma maneira, dentre desses limites. Não se pode controlá-lo, mas rigidamente que a comunicação verbal nem, mas nem menos... Seus objetivos são os mesmos que motivaram o desenvolvimento da linguagem escrita: construir um sistema básico para a aprendizagem, a identificação, a criação e a compreensão de mensagens visuais que sejam acessíveis a todas as pessoas.

O envolvimento em atividades criativas requer treinamento contínuo como mencionado anteriormente, como um historiador que reescreva sua biografia diariamente, não se limitando ao conteúdo de sua área, mas referindo-se ao conhecimento necessário sobre aprendizagem, sobretudo na área artística, que na maioria das instituições são resumidas a poucas horas por semana.

Nenhuma prática coerente pode surgir em larga escala sem habilidade. O processo criativo baseia-se na formação de públicos criativos formados por um educador ou artista criativo. Quando você reproduz somente práticas sem características criativas, o público-alvo, composto de estudantes ou visitantes de exposições e galerias, tendem ao desinteresse, pois há apenas a obrigação de ensinar conteúdos desarticulados da realidade, sem sentido para a vida cotidiana. A experiência é primordial para a aprendizagem, não há uso em práticas de conteúdo sem desafio, vazio de transformações dentro de cada aluno, tornando vazio em qualquer modalidade, não sendo restrito estranho ao processo de educação a distância.

Com a retomada desse processo de criação, o que pode ter perdido vem através das linguagens artísticas e a maior parte do tempo perdido na jornada escolar de crianças, jovens. O que foi reprimido emerge, dando ao processo criativo

uma abordagem espontânea do sujeito do processo ensinando a própria aprendizagem e habilidades no conhecimento.

3.2 Estética: Interpretação e contemplação

Para compreender a amplitude da alfabetização visual na percepção do conhecimento, precisa-se entender a implementação estética que possibilitará a leitura de imagens e/ou a construção dessa imagem na transcrição para o esquema formal. Assim, propomos uma breve análise sobre estética para a interpretação e seu processo.

Ao considerarmos que o conhecimento humano tem caráter interpretativo, o esforço para compreensão de imagens perpassa o sujeito cognoscente, imagens figuradas, produzidas por nós. Segundo Pareyson (1993), a interpretação tem caráter produtivo e formativo, e por isso a um movimento que vai controlando e corrigindo os esquemas interpretativos, em que onde a imagem capta e revela seu conteúdo.

Mas o que significa interpretação? De acordo com Pareyson (1993), interpretar é uma tal forma de conhecimento em que por um lado, receptividade e atividade são indissociáveis, pelo outro, o conhecimento é uma forma e o cognoscente é define-se como uma outra pessoa. Portanto, interpretar é possibilitar todo conhecimento humano que está respaldado na reflexão interpretativa, seja através do movimento processual na filosofia do homem, seja na busca incessante do conhecer. Porém, se a forma pode ser interpretada e esta é realizada por um sujeito, este sujeito passa a ser interpretante, pois o objeto passa a ser definido e posicionado sob ponto de vista particular, se revelando na medida em que o sujeito se exprime. Baseado nesta referida ideia citada anteriormente pelo autor, o interpretante não capta o objeto sem exprimir a si mesmo, e só exprimindo a si mesmo é que ele consegue ficar o objeto em sua definitividade.

Outro ponto crucial para o prazer estético do olhar está na contemplação apresentado por Pareyson (1993). Após a movimentação necessária para interpretação, o interpretante pousa serenamente o olhar, convertendo a uma contemplação calma e imóvel. Cessando o movimento, torna-se satisfeito, adequando a imagem que interpretou e o que se procurava analisar. Essa continuidade dialógica entre interpretante e objeto emerge pelo desejo de melhorar,

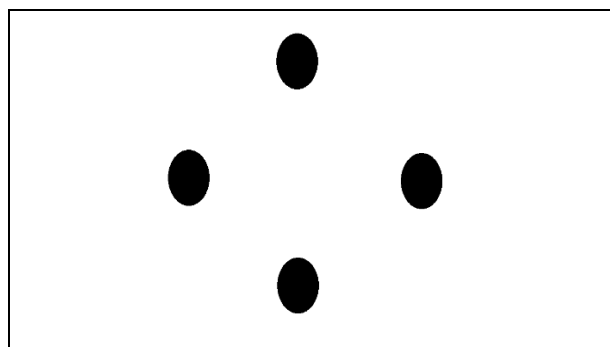
integrar e aprofundar novos *insight* na aprendizagem. Se por um lado a busca do movimento interpretativo instiga novos conhecimentos, por outro lado a contemplação na sua satisfação ressalta a completude do que foi produzido, nessa perspectiva unimos dois elementos essenciais: interpretar e contemplar, distintos, e ao mesmo tempo complementares para Estética.

3.3 Gestalt: a percepção do olhar

De todas as vivências do ser humano, a experiência mais dinâmica pode ser o olhar, o que torna o ser humano perceptível à amplitude que se encontra em seu entorno, partindo da subjetividade e das inferências que acrescentamos ao interpretar uma imagem, pois ao observarmos uma imagem, atribuímos percepções distintas.

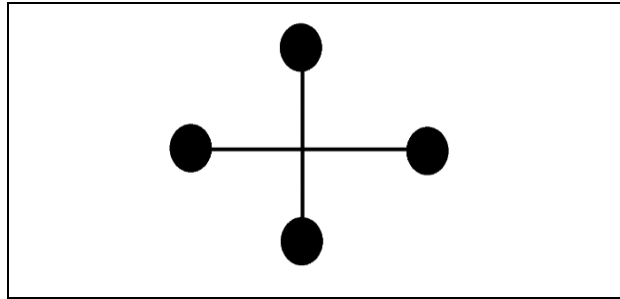
O desencadear da percepção é influenciado por uma experiência inserida no contexto de espaço e tempo. De acordo com **Arnheim** (2015, p. 56) o que uma pessoa vê agora é somente um resultado do que viu no passado. Ao relacionar temporalidade, necessita avançar da ingenuidade e da responsabilidade do passado vivido. Na figura 01 observa-se pontos:

Figura 01: Pontos



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Figura 02: Pontos interligados



Fonte: Elaborada pela autora (2018)

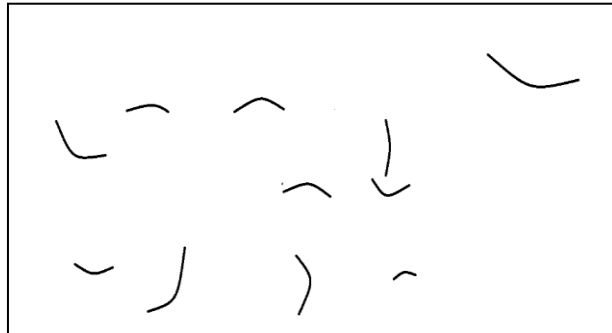
Porém, se nesse intervalo for traçado duas retas concorrentes e perpendiculares, a simbologia da imagem formada pode fornecer informações distintas baseadas na percepção do que conhecemos observada na figura 02. Mesmo antes de traçar as linhas, esse conhecimento poderá surgir por meio de inferências, e o fenômeno encontra-se na Psicologia da Gestalt, que descreve com lei básica da percepção visual que qualquer padrão de estímulo tende a ser visto de tal modo que a estrutura resultante se torne tão simples quanto as condições dadas permitem.

Na teoria gestaltica, o ponto principal de referência é a percepção, de forma que o processo que inserimos na observação são interligados principalmente para a compreensão da leitura visual ao qual passamos. O comportamento estudado nessa teoria abrange os aspectos múltiplos. Logo, ao perceber parte de uma unidade, nosso olhar busca o entendimento da forma como um todo, baseado nas idéias de Arnheim (2005) pode-se compreender:

Na experiência visual observamos apenas os resultados deste processo organizado. Suas causas devem ser procuradas no sistema nervoso. Quase nada se sabe sobre a exata natureza de tal organização fisiológica. Pode-se dizer que a organização deve envolver processos de campo, por inferência do que ocorre na visão.

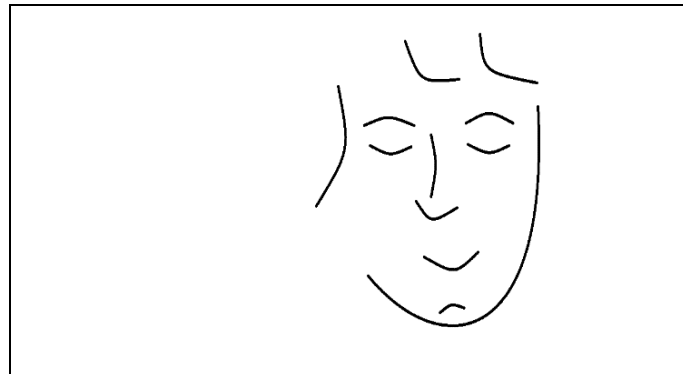
Ao restaurar a composição da imagem e partindo de pontos em espaços descontínuos, aprimoramos por intermédio da experiência visual, a reação às inferências que alinhamos na educação do olhar. Compreendendo um padrão global para o observador, pode-se perceber que, a partir do exemplo tal constatação, na figura 03 as linhas estão desequilibradas, buscando um padrão inteligível observada na figura 04:

Figura 03: Linhas Desordenadas



Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Figura 04: Linhas ordenadas



Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Os princípios compreensíveis e a busca para organização das formas, requer capacidade do que percebemos. Ao pedir para compor as linhas da figura 03, certamente encontraremos um rosto muito próximo ao posto na figura 04. Como ressalta Arnheim (2005), toda a percepção é também pensamento, todo raciocínio é também intuição, toda observação é também invenção. Desse modo, o processo de criação está respaldado pela linguagem artístico–visual.

Não podemos desconsiderar os códigos próprios da linguagem artística visual sem conhecer a maneira de significar as representações visuais, as quais são emergentes no cotidiano do homem, é possível encontrar formas e significados a partir de estímulos. O ato de olhar o mundo exige reconhecimento e interação entre sujeito e objeto, buscando segundo a Gestalt a boa forma.

4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

4.1 Área de estudo e população

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma Faculdade privada do município de Timon-MA, com acadêmicos do curso de pedagogia, que cursaram o bloco IV. Registra-se que a referida instituição é referência no município citado, pois em termos proporcionais, é a primeira Faculdade privada com referências através de unidade acadêmica.

Quanto à população de estudo, participaram da pesquisa 28 acadêmicos do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, sendo que 71% dos pesquisados haviam cursado mais de três disciplinas em EaD, todos matriculados na referida instituição de Ensino Superior.

Por fim, registra-se que não foram aplicados instrumentos de coleta de dados com o corpo docente, somente com o discente que constitui o objeto estudado.

4.2 Tipo de pesquisa

O presente estudo se baseou na coleta de informações diretas do sujeito pesquisado, através de questionários e estruturadas sobre Linguagem Visual, bem como análise de textos na Educação a Distância. Quanto a abordagem do problema, trata-se de um estudo quanti qualitativo, visto que para o desenvolvimento do mesmo foi utilizado instrumentos que possibilita a referida abordagem.

Registra-se ainda que o objetivo da pesquisa é descritivo, cujo objetivo é aprofundar reflexões sobre a leitura e análise de textos nas aulas em EaD, cursado por acadêmicos que serão futuros pedagogos. Por fim, quanto aos procedimentos técnicos, esta pesquisa apresenta um levantamento bibliográfico e análise de questionários semi-estruturados.

4.3 Área de estudo

Desenvolvemos a pesquisa no âmbito do Mestrado Profissional em Tecnologia e Gestão em EaD, em consonância com o interesse da pesquisadora que é arte-educadora de formação e atuação.

A instituição eleita representa um centro de formação inicial para educadores nas séries iniciais, que terão como foco o conhecimento visual suficiente para atuarem na Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Buscou-se uma Faculdade privada do município de Timon, sendo analisado o processo de coleta de informações para a elaboração da ferramenta “Livro de Registro Visual”.

4.4 Métodos e Instrumentos de coleta de dados

O sistema de referência para a pesquisa foi o fato dos acadêmicos já terem cursado algumas disciplinas obrigatórias da grade curricular da Graduação em Pedagogia nos últimos semestres e obtiveram rendimento satisfatório, de acordo com os dados apresentados pela coordenação da Educação a Distância. A apresentação do questionário ocorreu de forma dialógica com a presença da docente, que cedeu o horário para aplicação das questões.

O método utilizado para buscar alcançar o objetivo desta pesquisa foi estudo de caso como o tipo da pesquisa quanti qualitativa. O estudo de caso é apropriado, pois como esforço de pesquisa, contribui de forma inigualável para a compreensão que temos de fenômenos, pois como disserta Yan (2015, p. 2), o estudo de caso investiga um fenômeno contemporâneo em seu contexto de mundo real, especialmente quando as fronteiras desse fenômeno e o contexto não estiverem claramente evidenciado.

Foi realizada a produção de fichamentos, resultante de levantamentos bibliográficos, que apoiou o embasamento teórico da dissertação, da elaboração do produto, pois como cita Marconi e Lakatos (2010), o fichamento é imprescindível porque possibilita o manejo do material bibliográfico, para obtenção de mais conhecimentos. Dessa forma, a organização científica do fichamento serve como análise do material coletado e no processo de crescimento ao elaborarmos as críticas necessárias.

4.5 Caracterização dos sujeitos e do campo da pesquisa

O campo de coleta de dados torna-se um campo fértil para coletar informações, na medida em que, diante dos sujeitos pesquisados, torna-se evidente

a disposição em participar ativamente da pesquisa. Todos os sujeitos conheciam o ambiente virtual e cursaram Educação à Distância pela primeira vez em nível superior. As disciplinas cursadas em EaD foram para a maioria três: Português Instrumental, Informática e Estrutura e Funcionamento da Educação. Ao conceder a autorização da pesquisa através do “Termo de Consentimento livre e Esclarecimento”, os acadêmicos pesquisados foram voluntários efetivos no cumprimento da aplicação do questionário.

Como citado anteriormente, os vinte e oitos participantes foram unânimes em aceitar contribuir com o estudo, a predominância foi público feminino, e com experiência comprovada com aprovação em todas as disciplinas cursadas.

O referido questionário está em anexo para melhor compreensão. (Apêndice A).

5 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS DA PESQUISA

Neste capítulo, serão apresentados os resultados da pesquisa, estruturados em questionários, distribuídos em três categorias, que complementam os objetivos almejados. Os dados foram categorizados em Ambiente Virtual e Aprendizagem; Leitura visual em análise e interpretação de textos em Educação a Distância e finalmente Estratégias de avaliação nas disciplinas em EaD para formadores de leitores visuais. Todas as categorias são complementares para o desenvolvimento do objetivo da pesquisa, totalizando 14 perguntas, aplicadas a 28 acadêmicos de Licenciatura Plena em Pedagogia. O quadro apresentado a seguir contempla os dados de identificação.

Quadro 1: Dados de Identificação

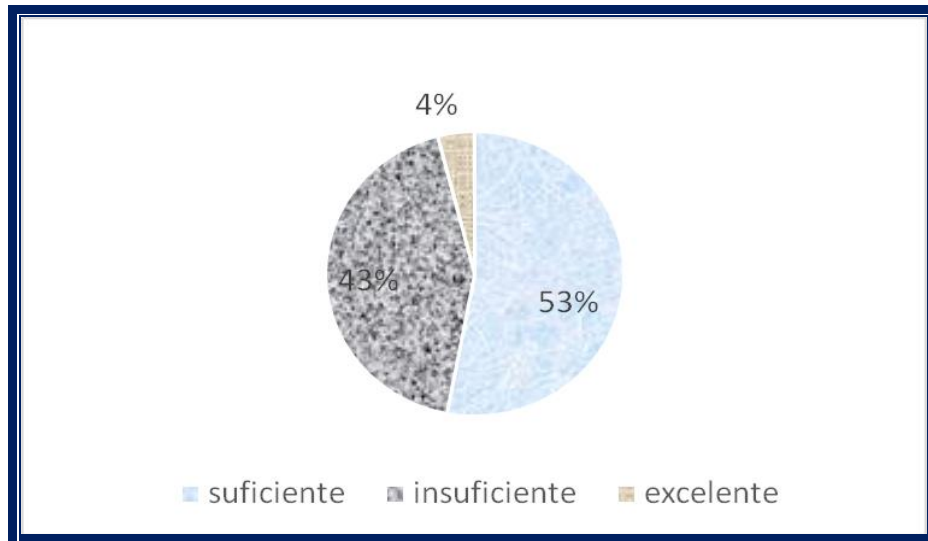
Quantidade de Acadêmicos	Sexo		Bloco	Quantidade de disciplinas cursadas em EaD	%
	M	F			
28	01	27	IV	2	18%
				3	71%
				4	11%

Fonte: Elaborado pela autora / 2018.

5.1 Ambiente virtual e aprendizagem em EaD

O primeiro bloco de categoria corresponde às perguntas 01 a 04 e caracteriza inicialmente o acadêmico de forma sucinta, buscando compreender o Ambiente Virtual e como ocorre a concepção de aprendizagem presente na vivência das aulas a distância. Ao perguntar “Como você avalia seu conhecimento em EaD”? Obtivemos o seguinte resultado:

Gráfico 1: Conhecimento em EaD



Fonte: Resultado da pesquisa Mai/18

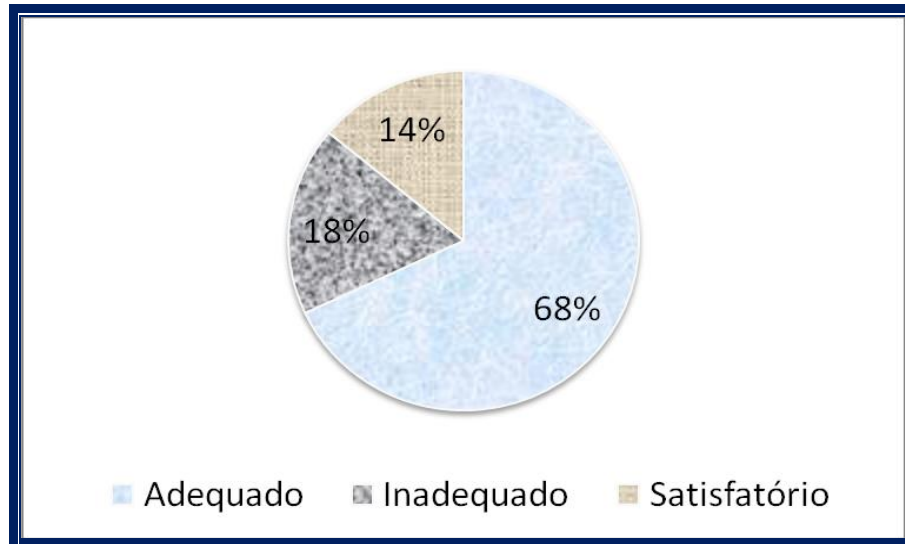
Em relação à avaliação própria que o acadêmico fez de seu conhecimento em EaD, 53% relata que é suficiente, 43% insuficiente e 4% excelente. Diante das disciplinas cursadas pelos acadêmicos, 57% considera o conhecimento e aprendizagem suficiente para dominar as ferramentas propostas no ambiente virtual. Percebemos que um percentual significativo considera insuficiente, fato que dialoga com o pensamento de que na contemporaneidade, segundo Fava (2016), as tendências modernas estão direcionadas para o blended learning (ensino híbrido), que ganhará força e aplicabilidade.

Reverendo as necessidades dos cursistas em questionar seu nível de conhecimento, e reconhecer suas fragilidades em várias disciplinas cursadas, torna-se relevante a atenção intencional em buscar informações sobre a historicidade da educação a distância. As instituições de Ensino superior têm o desafio de promover uma proposta educacional que contemple as inovações tecnológicas para a interatividade e construção da autonomia do acadêmico, não esgotando a oportunidade de um modelo tradicional de ensino.

Ter conhecimento como fonte de pesquisa, principalmente em relação às novas tecnologias, é primordial para instigar as competências de leitura e interpretação de textos, pois mesmo com as dificuldades nas habilidades da leitura, a tecnologia proporciona a partir da linguagem visual novas possibilidades.

No terceiro questionamento, destacamos o ambiente virtual que cursou a disciplina em EaD, com a pergunta: Como você considera o ambiente virtual que cursou a(s) disciplina(s) em EaD? Obteve-se o seguinte resultado.

Gráfico 2: Ambiente Virtual cursado em EaD



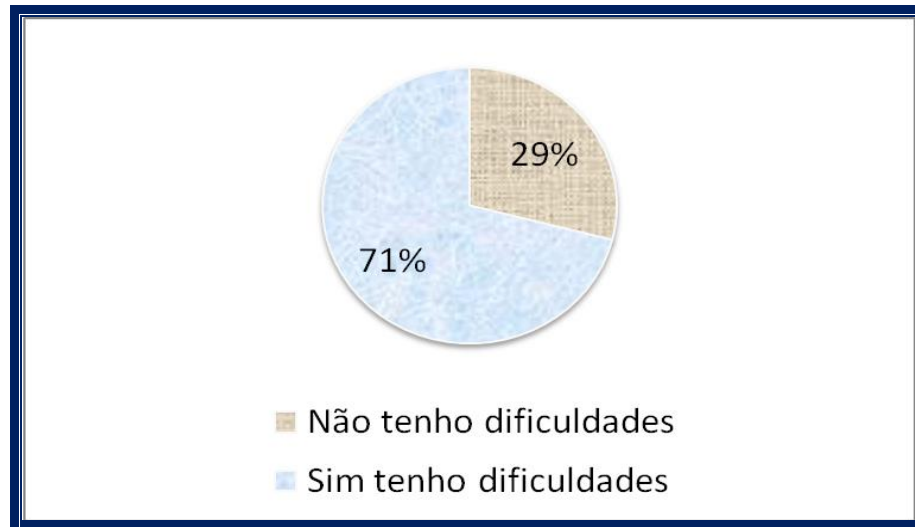
Fonte: Resultado da pesquisa Maio/2018

Observando o percentual positivo condizente ao ambiente virtual, considera-se que o tipo de frequência virtual ainda é um ponto essencial, de acordo com Behar (2013, p.170) umas das habilidades necessárias ao aluno é saber utilizar as ferramentas do ambiente de forma eficiente para comunicação e envio das atividades. As ferramentas utilizadas nas plataformas virtuais objetivam maior interatividade entre acadêmico e conhecimento, partindo do princípio que a tecnologia deve contribuir com ícones e links para uma aprendizagem significativa.

Porém, vemos que o gráfico ainda apresenta uma quantidade em percentual negativa: cerca de 18% considera o ambiente virtual inadequado, ou seja não adquiriu durante a frequência virtual significância para aquisição de conhecimento. Ou ainda não conhece as possibilidades que um ambiente pode oferecer para a aprendizagem, em se tratar de leitura e interpretação, novamente o que é visível também deve ser perceptível para a aprendizagem.

Nessa categorização, a questão 04 encerra colocando em discussão a pergunta sobre as dificuldades em interpretar e analisar os hipertextos e textos, com a pergunta: Você tem dificuldades em interpretar e analisar os hipertextos apresentados no ambiente virtual? apresentados no ambiente virtual. O resultado foi:

Gráfico 3: Dificuldade de interpretar textos



Fonte: Resultado da pesquisa maio/2018

Na resposta justificada com sim, a maioria relata várias questões e argumentos que implicam nas dificuldades, as quais podemos destacar: textos longos e cansativos, exigência de atenção, internet ruim, dificuldade de entender os textos, muita informação e pouco tempo, leitura difícil e ausência do professor. Quando 71% dos pesquisados respondem negativamente, fica explícito as condições virtuais inadequadas que surgem no decorrer das aulas/módulos.

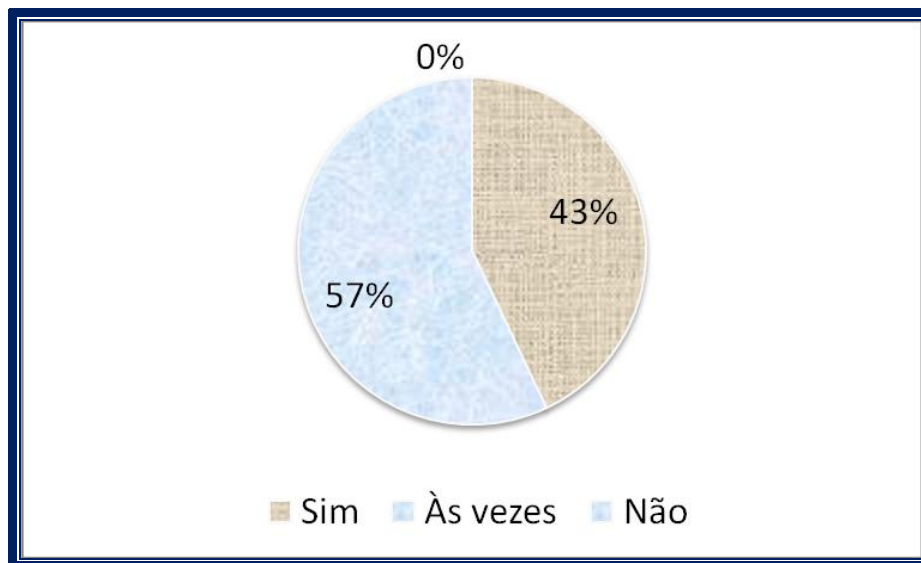
Percebemos, no relato das justificativas, uma série de itens relacionados diretamente à leitura e interpretação de texto e até o momento ausência de imagens. Como esclarece Behar (2013, p.157), um dos desafios do professor da EaD é potencializar o desenvolvimento das ações e reflexões a partir da interação, utilizando propostas interdisciplinares. Assim, Deve-se buscar pesquisa e atualização a fim de conhecer diferentes possibilidades para o ensino e a aprendizagem. Nesse contexto, o acadêmico das disciplinas a distância, se perceberá como sujeito transformador de um processo atrativo e motivador.

O professor tutor tem uma oportunidade de rever os argumentos citados na pesquisa utilizando propostas mais interativas, podendo utilizar a linguagem visual como colaborador interdisciplinar e não somente como ilustração, desta forma as possibilidades serão ampliadas para o repertório do cursista.

5.2 Leitura Visual e Conteúdo em EaD

Nesta categoria o destaque principal é sobre Leitura de Imagens, ao perguntar: Os elementos visuais apresentados no ambiente visual contribuem para a interpretação e análise de textos? obtivemos o seguinte gráfico:

Gráfico 4: Elementos Visuais no Ambiente Virtual



Fonte: Resultado da Pesquisa Maio/2018

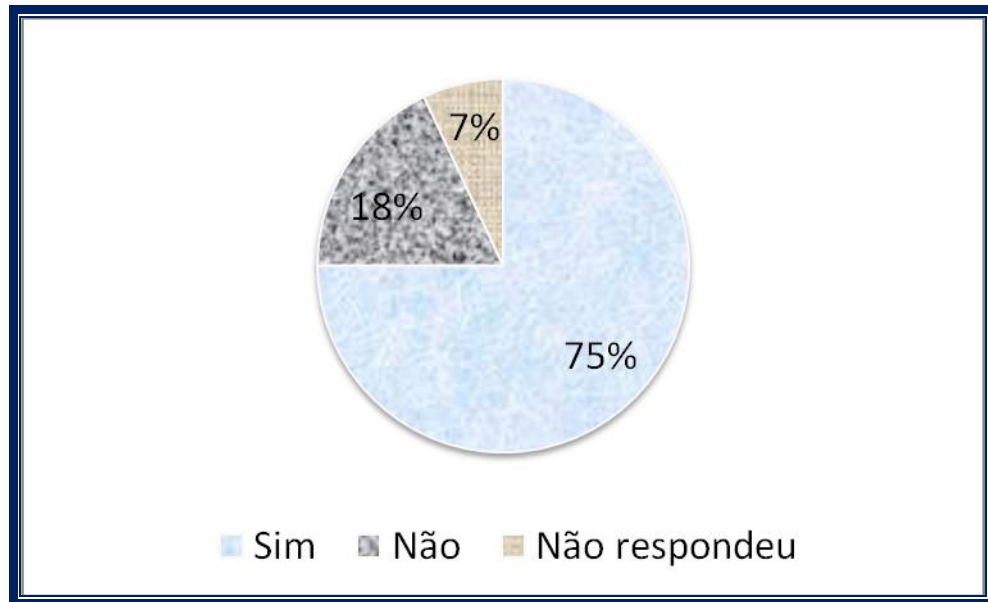
As respostas foram positivas, enquanto o “não” foi excluído totalmente. É notória a importância que o pesquisador desprende aos elementos visuais, seja em qualquer proporção e a segurança que tais elementos trazem no momento de interpretação. Como ressalta Dondis (2015, p.2) a linguagem é um recurso de comunicação própria do homem, assim como a evolução das capacidades humanas envolvidas na pré-visualização, no planejamento, no desenho e na criação.

Se existe a possibilidade da expressão visual como âncora da leitura e interpretação de texto, cabe ao professor tutor saber utilizar de forma adequada. Neste caso específico os elementos visuais que compõem uma imagem seja ela bidimensional, tridimensional ou em linguagem cênica através de vídeo, o professor permitirá aos cursista desenvolver habilidades leitora, interpretativa e escritora como fonte de aprimoramento das suas competências.

A sexta pergunta refere-se aos conteúdos visuais em relação a repensar a prática docente enquanto partícipe do meio acadêmico. Foi feita a pergunta: Os conteúdos visuais ajudaram a repensar sua prática em Docência, enquanto

acadêmico de Pedagogia? Muitas foram as inquietações nesta pergunta. O gráfico a seguir contempla estas respostas dos pesquisados:

Gráfico 5: Conteúdos Visuais



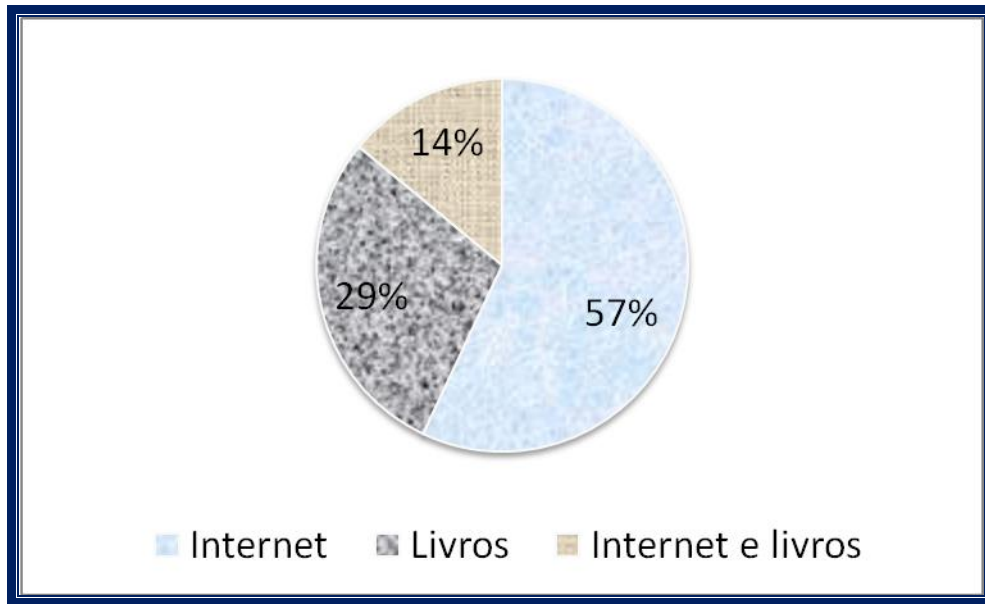
Fonte: Resultado da Pesquisa Maio/2018

Quando os entrevistados afirmaram que os conteúdos visuais ajudam a repensar a prática de interpretação de texto, os argumentos para justificar foram: São fáceis de entender; melhoram o estudo; mostra o conteúdo de forma sucinta; melhora a compreensão; interação com o texto e aquisição de autonomia. Sobre este tema, Fava (2016, p.287) destaca que o mundo mudou. Tudo gira em torno de redes, interatividades, compartilhamento. É plausível e aceitável que os conteúdos, informações venham adquirir formatos mais interativos e digitais.

Os conteúdos visuais transportam para a memória visual uma série de inferências necessárias para a interpretação de texto seja no cotidiano, seja no processo educativo formal. Desta forma a aplicabilidade no curso que o acadêmico cursa, revela a potencialidade na contribuição da aprendizagem, o significado que cada acadêmico confere às aulas em EaD, deverão ser sustentáveis para contribuir na sua formação acadêmica a partir dos conteúdos estudados.

Na questão 07, perguntou-se “Que ferramentas você utiliza para apoiar a interpretação e análise dos textos?” O resultado está apresentado no gráfico a seguir:

Gráfico 6: Ferramentas para interpretação de textos



Fonte: Resultado da Pesquisa Maio/2018

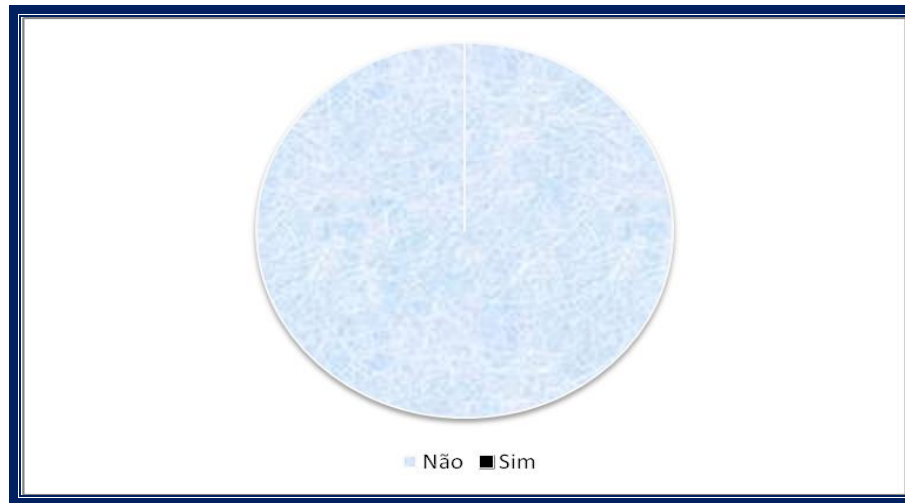
Os livros surgem com um percentual menor, o que em momentos anteriores seria o primeiro, na pesquisa apresentada reflete outras conotações de utilização. De acordo com a Fava (2016, p. 287) a educação está vivenciando uma transição espantosa, o ensino se dará por meio de pessoas e de máquinas, o professor não é mais o cerne do processo.

A centralidade com a aquisição da autonomia é o aluno/acadêmico, que tem consciência da interatividade que o cerca, favorecendo um mediador de conexões para o autoconhecimento. Buscar novas possibilidades de aprendizagem faz parte das competências para o século XXI, onde busca-se recursos complementares para as indagações pesquisadoras, seja pelo professor/tutor, seja pelo acadêmico/cursista.

Ambos com formação iterativa suficiente para consultar outras fontes, links, documentários, entre outras. O olhar contemplativo passa a ser também pesquisador, percebendo novas formas de envolver sujeito e objeto na interação constante de aprendizagem.

Na questão seguinte, problematizamos: Nas disciplinas cursadas em EaD, você foi instigado a produzir algum tipo de recurso audiovisual educativo? Compartilhe esta experiência. Tivemos o seguinte resultado:

Gráfico 7: Produção de Recurso audiovisual



Fonte: Resultado da Pesquisa Maio/2018

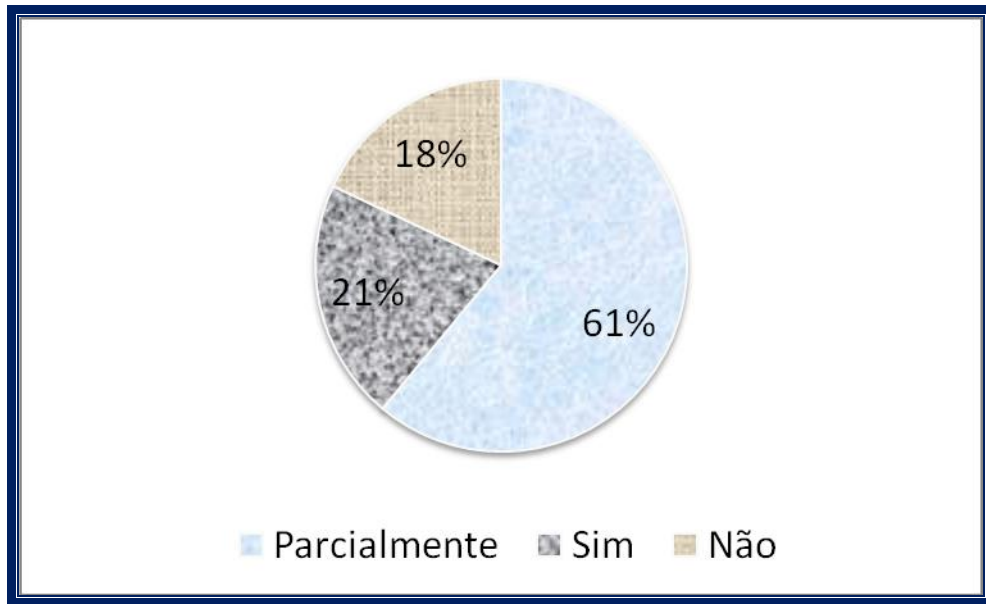
Os pesquisados relataram que cursaram entre duas ou três disciplinas em EaD e não foram convidados a produzir nenhum recurso utilizando a linguagem visual ou auditiva, somente escrita. Como relatado por Fava (2016, p. 289), O mundo hodierno assusta, espavoriza, inibi, intimida. A aprendizagem somente acontecerá se “o quê” e “como” se ensina, emociona. Assim, o conhecimento faz sentido e se ele foi coautor, age como participante direto de sua aprendizagem.

O conhecimento fútil só será criativo quando instigado com base nas as inúmeras possibilidades que as novas tecnologias trazem para o ensino. Buscar novos caminhos talvez seja a completude de interpretação que estão ausente em nosso ensino seja regular ou a distância.

Como a pergunta foi direcionada para recursos audiovisuais, percebe-se que a preocupação dos professores tutores foi em produzir resultados somente escritos, sem usar a possibilidade da Linguagem visual, tema desta pesquisa. Neste contexto mesmo que todas as respostas foram negativas, pode-se conhecer a fragilidade do visual na realidade apresentada em EaD, que privilegia ambientes virtuais interativos e instigantes para os cursistas.

A última pergunta desta categoria é “Você se considera um leitor Visual em EaD?”

Gráfico 8: Leitor Visual em EaD



Fonte: Resultado da Pesquisa Maio/2018

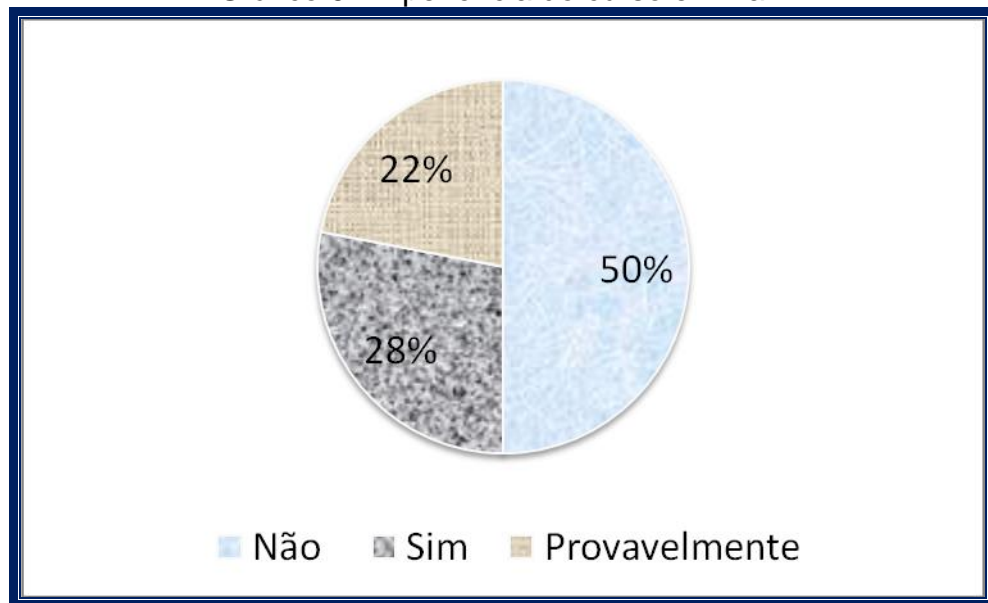
A maioria acredita que é leitor visual, mesmo que parcialmente. No entanto, o “não” tem uma significância de percentual. Segundo Behar (2013, p.220), as habilidades do letramento digital na categoria multimídia se encontram na habilidade de combinar visualmente diferentes tipos de mídia, ter habilidade de leitura e compreensão de hipertexto dinâmico.

O conceito positivo de considerar um leitor visual em EaD perpassa a compreensão do tempo hodierno, posto que estamos envoltos às tecnologias em tudo que desenvolvemos. As condições que as disciplinas foram apresentadas para os pesquisados podem interferir na realidade, se vivemos em um mundo imagético, esta referência é realidade em todos os momentos, não somente educacional.

5.3 Avaliação em EaD

Esta última categoria tem enfoque na avaliação dos acadêmicos em relação às disciplinas cursadas na modalidade de Educação a Distância. O primeiro questionamento foi: “Você faria um curso em EaD, como a experiência que teve como cursista?”

Gráfico 9: Experiência do curso em EaD



Fonte: Resultado da Pesquisa Maio/2018

As experiências obtidas da metade dos acadêmicos, evidencia o desinteresse em não repetir novos cursos a distância, muitos fatores interferem neste resultado. Os pressupostos de Fava (2016, p. 293) apontam para uma habilidade fatigante: a de convencer pessoas com tendências de resistir a mudanças, muito comum no meio acadêmico, de se apegar às primeiras soluções, exigindo uma metamorfose de mentalidade.

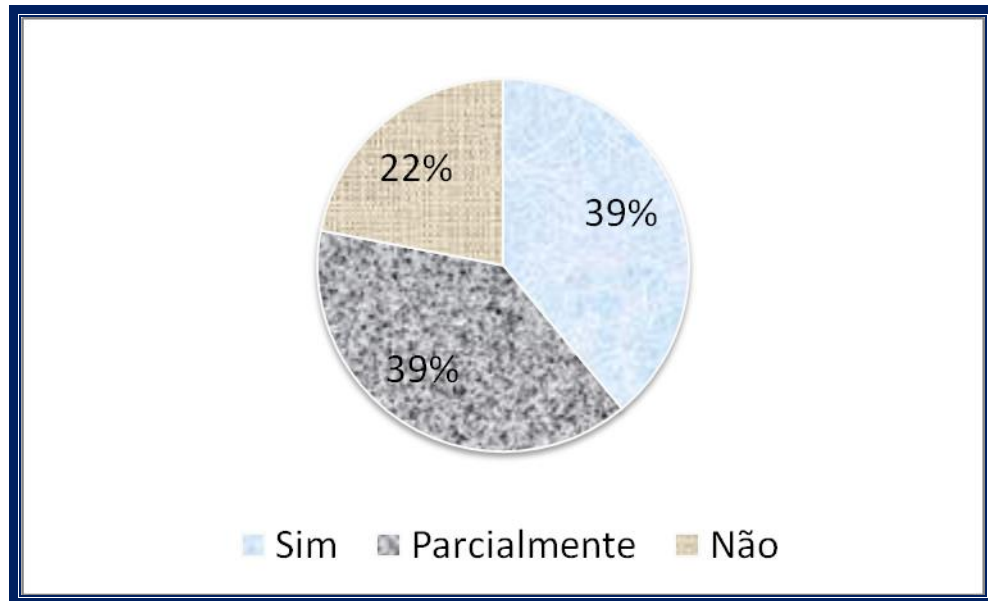
Tornar as experiências em EaD significativas é um grande desafio, apesar do universo tecnológico que vivemos, a resistência a novas possibilidades constitui-se quebra de paradigmas, tanto para o professor/tutor quanto para o acadêmico/cursista.

Porém as experiências negativas podem condicionar o isolamento para outras possíveis participações em cursos à distância, a prática deve ser repensada como colaboradora de mudanças e não de engessamento do conhecimento.

Novas formas de aprendizagem surgem com o advento da tecnologia, outros valores também como a autonomia, para gerenciar o tempo disponível para estudar, o que parece distante fisicamente, pode instigar novas possibilidades de aprender e ensinar, esta lacuna negativa a identidade à distância, distancia o cursista de outras formas de aprendizagens, ressaltando a questão da interação em vivenciar novos cursos.

Na 11ª questão perguntamos: “Você consegue desenvolver outras estratégias de estudo a partir das leituras visuais no ambiente virtual?”

Gráfico 10: Estratégias para leituras



Fonte: Resultado da Pesquisa Maio/2018

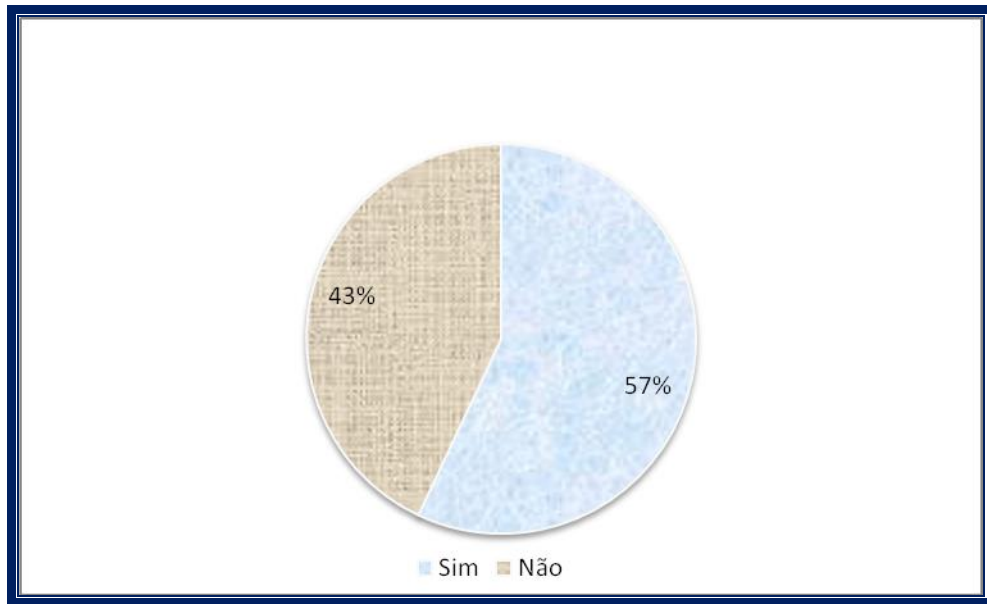
Os resultados apresentados no gráfico vão além das possibilidades de desenvolver outras estratégias para aprimorar novas formas de interpretação ou esquema de estudo. A maioria se restringe a “parcialmente” e “não”. Isso demonstra que ainda temos tímidos para a demanda tecnológica na qual nos inserimos.

De acordo com Fava (2016, p. 300), a tecnologia tem o poder de nos libertar dessas limitações, de fazer que a educação seja portátil, flexível, lúdica, agradável, pessoal; de pungir a iniciativa, a responsabilidade individual. Diante do exposto, é imprescindível buscar novas estratégias de aprendizagem, configurando um desafio ao benefício do nosso potencial, fazendo conexões com o que lemos, interpretamos e sintetizamos.

O professor propositor possibilitará ao cursista o conhecimento para sintetizar e buscar outras fontes de aprendizagem, sendo capaz de desenvolver estratégias principalmente na leitura e interpretação de textos com alfabetização visual, citada nesta pesquisa.

Na 12ª pergunta, indagamos: “A disciplina cursada em EaD proporcionou a motivação necessária para continuar pesquisas em temas trabalhados? Os resultados obtido estão apresentados no seguinte gráfico:

Gráfico 11: Motivação para EaD



Fonte: Resultado da Pesquisa Maio/2018

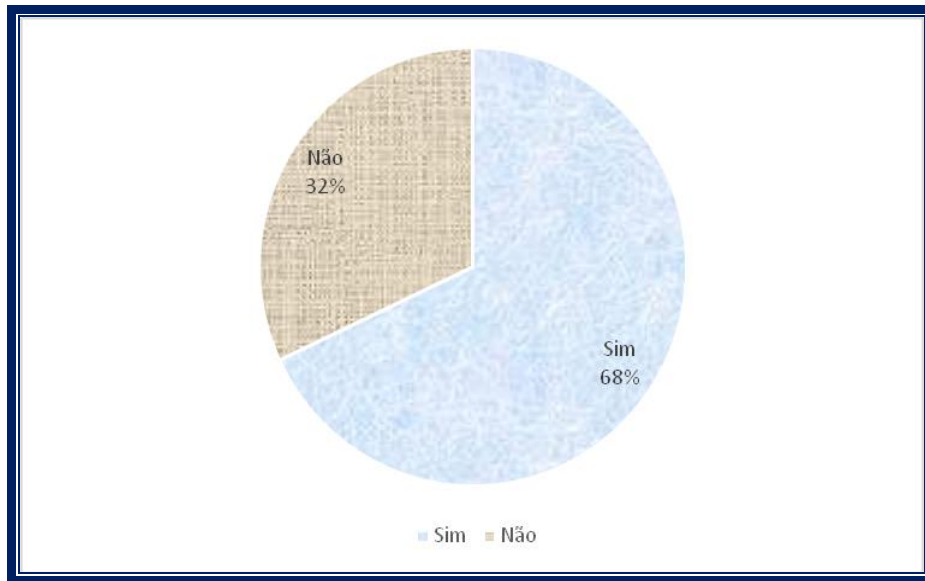
Em relação ao percentual de 43%, algumas observações foram acrescentadas, tais como: “não entendo a EaD, esperava mais de um ambiente virtual”; “fiquei desmotivada.” Mesmo diante dos resultados no gráfico, fica evidente o desinteresse por novas possibilidades a distância.

Os estudos de Behar (2013, p. 189) refletem sobre as competências docentes da prática pedagógica em EaD, as quais: comunicar, interagir, orientar, flexibilizar, construir material didático – pedagógico, motivar e avaliar.

Nesse contexto, a motivação é uma das competências que merece destaque, pois implica um conjunto de atitudes que poderão refletir na construção do conhecimento ou nas dificuldades. Continuar aprendendo novos cursos ou desistir e não acreditar nas possibilidades da aprendizagem tecnológica.

Ao perguntarmos: Você fez alguma forma de auto avaliação no percurso de aprendizagem virtual? Os resultados foram abordados no gráfico a seguir:

Gráfico 12: Auto avaliação



Fonte: Resultado da Pesquisa Maio/2018

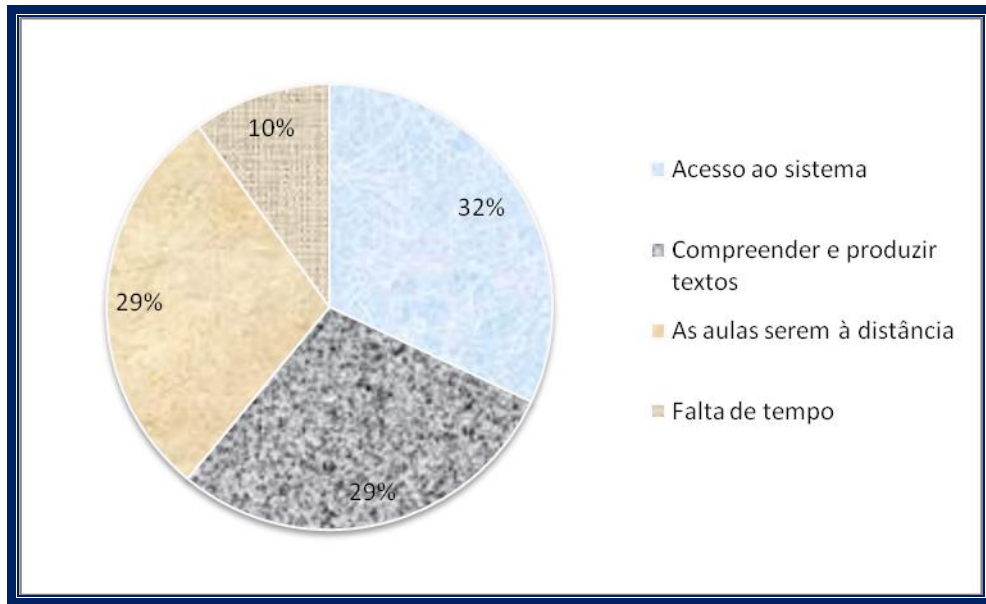
A auto avaliação conduz um processo de ensino e aprendizagem de forma crítica e reflexiva a respeito do próprio desempenho. O gráfico apresentado demonstra uma realidade mais positiva, porém ainda percebemos situação crítica em relação à auto avaliação.

De acordo com Behar (2013, p.305), a proposta da UNESCO para implementar professores sobre alfabetização em mídias e informações deve estar explícito no currículo sobre alfabetização em mídias, enfatiza a importância do acesso à formação e avaliação.

Dessa forma as dificuldades serão minimizadas, pois somente a partir de uma sistemática de avaliação estruturada para ambos os sujeitos do processo ensino e aprendizagem é que teremos possibilidades de intervenção, onde o responsável por sua aprendizagem, também deve avaliar seu desempenho acadêmico.

O próximo gráfico apresenta as respostas para a pergunta: O que considerou como maior dificuldade nas aulas desenvolvidas à Distância? Considerando as respostas da pesquisa, obtivemos o seguinte resultado:

Gráfico 13: Dificuldades em EaD



Fonte: Resultado da pesquisa Maio/2018

Na representação do gráfico, muitos argumentos são apresentados nas respostas dos pesquisados. Nesta análise existe um equilíbrio entre a produção de textos e as aulas à distância, destacando com maior ênfase o acesso ao sistema. O panorama traçado é salientado em Kenski (2014, p. 52) em que esclarece que as múltiplas convergências temporais *on e off-line*, a partir da percepção de que estamos sempre aprendendo, é preciso que o identifiquemos como uma sociedade da aprendizagem.

O desafio maior é pensar nas novas possibilidades tecnológicas que nunca tivemos a nível educacional, as impossibilidades de conhecimento não podem reprimir o desejo do processo ensino e aprendizagem, nos levando a inércia, mas ao contrário, percebendo novas possibilidades e adequações de tempo e espaço para o conhecimento sistematizado.

6 PRODUTO

Neste capítulo o produto proposto nesta pesquisa será descrito, inicialmente será explanada a justificativa, a partir do relato de experiência que intensificou o trabalho desenhado neste formato de ferramenta digital.

Pois diante da experiência do pesquisador, o produto foi ao longo de anos de prática pedagógica sendo formatado, por este motivo o relato a seguir surge como experimento para reflexão sobre a importância da Linguagem Visual na compreensão de textos.

6.1 Relato de Experiência

Ao pesquisar sobre o referido produto desta dissertação, foi evidenciado na justificativa o interesse em aperfeiçoar em forma de ferramenta digital, uma metodologia utilizada nas turmas presenciais em anos de prática com o ensino da metodologia do Ensino da Arte para futuros pedagogos, em um percurso de 20 anos na formação de professores, em Faculdades e Universidades.

Neste ensejo pode-se destacar como referências anos de organização didática para relato deste experimento, dividiremos em sub itens por necessidade didática. No primeiro momento a prática com diários de bordo, posteriormente com análise de imagem e produção individual criativa.

6.1.1 Diário de Bordo: uma possibilidade de criação

O referido termo é utilizado por diversos autores para designar um acompanhamento de informações subjetivas a cada unidade ou capítulo estudado, durante a disciplina Arte-Educação. A cada semestre a turma é instigada a escrever sobre as possibilidades da empatia em relação ao tema estudado.

No decorrer do processo de escrita percebe-se as imensas dificuldades que muitos acadêmicos possuem ao escrever sobre textos lidos e discutidos ou em relação a si mesmo, interpretar textos não é uma atividade confortável, principalmente para quem não tem a base da linguagem formal.

A atividade surgiu inicialmente com Portfólios, comuns em décadas passadas e aperfeiçoada por algumas disciplinas, na Arte foi uma ferramenta essencial, pois

existia as possibilidades da ilustração, mesmo para aqueles que diziam não ter habilidades. As primeiras tentativas de escrever no Diário de Bordo, assustava os acadêmicos, pois iam além de suas limitações, porém com argumentos corretos, e correções necessárias sempre conseguimos terminar a referida atividade, dentro do prazo estabelecido.

6.1.2 Descrição do Diário

Nas primeiras turmas em que esta atividade foi proposta ocorreu manualmente, pois a tecnologia digital ainda era restrita à poucos acadêmico, e com o advento e acesso à tecnologia alguns começaram a utilizar na modalidade digital.

No início, desta atividade a escrita não foi fácil pois a resistência em escrever sempre é perceptível, pois na maioria das vezes por falta de habilidade não desenvolvida na Educação Básica, as competências necessárias, nas disciplinas de Arte e Língua Portuguesa.

O Diário de bordo é uma proposta de coletânea de textos, que é escrito a cada término de capítulo, com intuito de internalizar os conteúdos trabalhados nas unidades planejadas, e também instigar a escrita espontânea nos objetivos e dimensões artísticas, pois a subjetividade caracteriza um exercício constante há todos os sujeitos que se propõem desenvolver o conhecimento em Arte. Para começar utilizamos temas do cotidiano com o enfoque na arte, neste exemplo a seguir, foi trabalhado o conceito de arte, estética e linguagem artística, na construção da escrita, o processo criativo passa por fases de conhecimento específico com o objetivo investigativo e proposital, característica fundamental para o sujeito que ler, interpreta e escreva sobre determinado tema. Portanto o exemplo a seguir, demonstra de forma clara como podemos iniciar um diálogo sobre a referida unidade, citada anteriormente:

Quadro 02: Diário de Bordo

*Imagine que você é um baú, cheio de possibilidades, descreva este baú:

- Material: que é feito;
- Cor;
- Como é a fechadura;
- e principalmente o que tem dentro, lembre-se das suas qualidades e defeitos;
- Projete sua imagem na formatação deste belo baú;
- Ilustre com várias linguagens artísticas;
- Faça a conexão com o capítulo estudado.

Fonte: Elaborada pela pesquisadora/2019

Mesmo com a orientação passo a passo na construção do texto sempre existia grandes desafios, que com o passar das repetidas orientações, a maioria podiam compreender o objetivo da atividade, que tinha como característica a continuidade da análise e escrita de textos, durante o semestre estudado. Perceber futuros educadores construindo os diários é sempre um universo surpreendente, pois a subjetividade, emerge nossos anseios, medos e perspectivas no repertório que construímos no decorrer de nossa vida acadêmica e pessoal.

Todas as escritas e reescritas eram avaliadas pela professora da turma para devidas correções, pois no momento seguinte era feita as exposições, sempre autorizada no início da disciplina através de contrato de convivência.

Em cada turma trabalhada percebeu-se que mesmo diante das dificuldades na competência de leitura, escrita as atividades ocorriam com desejo de aprender. Ao término da construção do Diário de Bordo, era realizada o momento de expor, seja com o livro físico ou digital no Power Point, o desejo de conhecer o trabalho dos outros acadêmicos era imenso, pois o processo de criação, assim como as características de cada acadêmico, era um momento único de fruição. A exposição era apresentado ao público acadêmico.

6.1.3 Análise da atividade

As possibilidades da escrita nos diários de bordo, sempre dispõe de questões propositivas, no universo de deficiências que os acadêmicos possuíam em relação

às competências leitoras, outras questões surgiam, o primeiro ponto em relação a capacidade possível de escrever, sobre temas estudados, e o segundo sobre Processo de Criação.

Em relação ao primeiro ponto ao analisar uma atividade proposta, percebemos o desenvolvimento possível, o acadêmico ao escrever suas observações descobre que a partir de uma sequência de orientações um texto é construído com coerência e o mais importante com sentido para o escritor/leitor. A relação recíproca entre imagem/texto/ escrita é perceptível na realização desta atividade, instigando o leitor a conhecer a subjetividade que compreende o sujeito. Esta gramática visual aos poucos é materializada em textos, novas imagens e novos conceitos.

O segundo ponto em análise é em relação ao Processo de Criação, quando o educador analisa uma atividade significativa, leva-se como prioridade o processo não somente o produto final. Nos Diários de bordo construídos no decorrer da disciplina, percebemos as intervenções necessárias que o educador precisa fazer, ao analisar o processo criativo do acadêmico em muitos casos estamos sempre querendo interpretar o fim, produzimos sem perceber apenas o fazer pedagógico, e deixamos de alinhar as conexões que realizamos ao construir um texto, seja através da imagem ou não.

Para analisarmos uma imagem e transpor esta análise em produção escrita, inicialmente precisamos compreender como o sujeito- acadêmico- interpretam as imagens, que relações estabelece de fato com a imagem observada, o que esta imagem representa no mundo e quem a produziu, e de que forma o leitor que a lê perceberá essa análise. Neste caso da construção do Diário de bordo, nas observações realizadas nas disciplinas presenciais, mostram uma conexão com intencionalidade, por este motivo tem resultado, construímos uma ligação entre mundo/imagem/leitor, buscando melhores representações do objetivo almejado.

6.2 Produto: Livro de Registro Visual

Vivemos em um momento pautado nas transformações exigidas por integrar as Tecnologias de Informação e Comunicação no âmbito educacional, mais precisamente nas práticas pedagógicas. Tais práticas propõe, além de agilidade no monitoramento das informações necessárias ao contexto escolar, ensaios contínuos

de reflexões nas práticas pedagógicas. Assim, apresentamos nesse plano pessoal revolucionário um produto planejado, como ferramenta digital denominada “Livro de Registro Visual”, para mediar processos reflexivos que possibilitará o *design* do ambiente virtual, projetado a partir da temática: Linguagem Visual: competências na leitura e interpretação de textos em EaD.

No âmbito da EaD, o produto almejado estará presente em qualquer curso a distância que perceba a importância do registro nas reflexões a cada módulo. Essa ferramenta foi pensada como mediadora entre tutor e participante, partindo da necessidade de aproximar reflexivamente os conteúdos apreendidos por acadêmicos, em que o cursista poderá externar, através também de imagens, vídeos, áudios e textos, suas aprendizagens significativas e/ou dificuldades.

O maior benefício apresentado com a ferramenta, além de outras possibilidades é o exercício de auto avaliação, no acompanhamento dos módulos da referida disciplina, impactando a observação do professor tutor acerca das inquietações de cada cursista.

Diante da breve descrição, a rotina de trabalho do cursista será facilitada e ampliada, pois proporcionará pro atividade específica de cada indivíduo. Logo, o acadêmico terá autonomia na sua aprendizagem, não usando como agenda, mas refletindo suas necessidades de conhecimento.

A proposta da ferramenta “LIVRO DE REGISTRO VISUAL” é de interação, possibilitando a utilização de recursos visuais na construção do diário, e no formato previamente planejado pelo tutor, este passa a ser um propositor. Nesse caso, a ferramenta é inovadora e ampliará algo que os indivíduos têm como prazeroso, a capacidade de intervir através de imagens e textos, no seu universo midiático, propondo um leque de expressões que são inerentes à linguagem artística, utilizada no universo tecnológico que estamos inseridos.

6.3 Ícone da ferramenta

O ícone apresentado deverá ser implementado no ambiente virtual, com a finalidade de iniciar o processo de construção de conhecimento, construído com as leituras realizadas pelos cursistas. Apresenta-se no seguinte formato:

Figura 05: Ícone da ferramenta



Fonte: Elaborada pela autora/2019

Essa ferramenta tem como diferencial a individualidade, pois somente tutor e cursista terão acesso às informações diárias do conteúdo, o tutor poderá avaliar o nível de produção a partir das inquietações no final do curso e/ou disciplina, e poderá divulgar o “LIVRO DE REGISTRO VISUAL” para a turma no ambiente virtual se assim for autorizado. Na tela da plataforma MOODLE, será apresentada na barra de atividades.

Figura 06: Plataforma MOODLE



Fonte: Elaborada pela autora/2019

Para Vigotsky (1998), existem três momentos nesse processo de aquisição do conhecimento. O primeiro considera a imaginação criadora como resultante da reformulação de experiências vividas, combinadas com outros elementos do mundo real. Quanto ao segundo, incorpora a participação do afetivo e dos elementos sociais que envolvem o indivíduo. Já o terceiro, objetiva a criação como resultado de um processo que interfere na transformação do mundo. Observamos o diálogo do autor a necessidade de interação entre sujeito e objeto para a produção do conhecimento, caracterizando a função primordial da ferramenta.

A figura 06 apresenta o detalhe em destaque do ícone sublinhado, ao clicar encontraremos as possibilidades para trabalhar a memória visual embasado em teorias estudados no curso a distância, ao clicar no ícone encontraremos as opções dos textos citados como exemplo, os mesmos estão organizados em nível crescente de dificuldade. Textos organizados por unidades de ensino e planejado para efetivar o objetivo da disciplina estudada, neste caso específico em Língua Portuguesa, mas pode ser em qualquer outra área de conhecimento.

6.4 Descrição geral da ferramenta

O objetivo da ferramenta apresentada neste trabalho consiste em direcionar as linguagens visuais através da memória visual, partindo do texto escrito analisado e interpretado para uma composição compreensível e visual. O diálogo com as duas situações alcança o que classificamos como a síntese do pensamento. Como destaca Fava (2016) construir pensando em vez de pensar sobre o que construir é uma maneira de a instituição acelerar drasticamente o ritmo de inovação. Para ocorrer o referido processo faz-se primordial o conhecimento dos elementos da linguagem visual, formada a partir de uma alfabetização desses elementos.

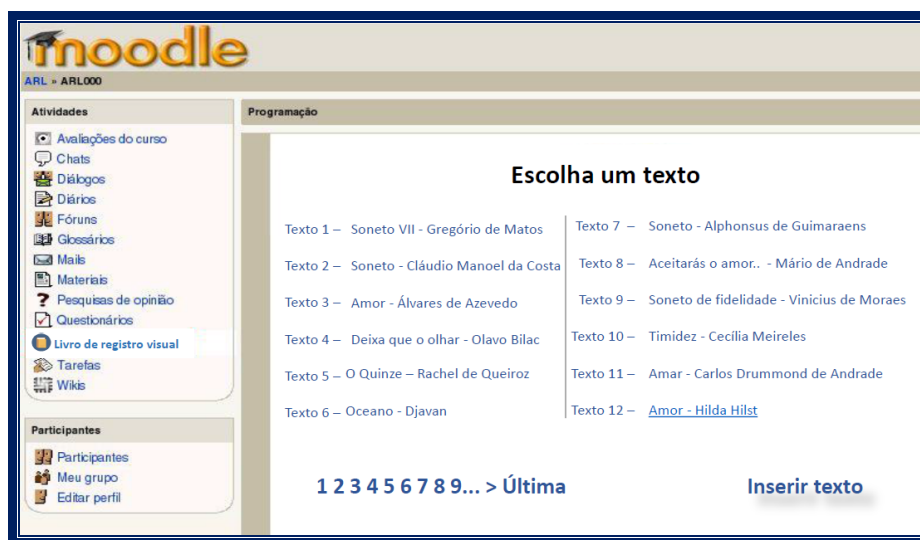
Contudo, ao clicar o ícone proposto obtém-se a amplitude de gerar possibilidades visuais das mais diversas criações, pois ao se pensar nas formas de construir, aceleramos o potencial criador do sujeito e conseqüentemente transportamos para um registro cotidiano de documentação, diante da interpretação e análise dos textos estudados nas disciplinas de Educação a Distância.

6.5 Passos da implementação da ferramenta

Para a implementação da ferramenta “Livro de Registro Visual” na plataforma de aprendizagem virtual, é necessário destacar alguns passos orientando o cursista na organização das ideias. Tais passos foram descritos na seguinte sequência:

1º Passo: Após entrar na plataforma e selecionar a referida ferramenta, abrirá a opção de seleção de textos, organizados em ordem crescente de dificuldades.

Figura 07: Seleção de texto



Fonte: Elaborada pela autora/2019

2º Passo: Análise do ponto focal através dos elementos visuais básicos, para leitura de imagem. A partir da leitura de um texto, pode-se entender por ponto focal a concentração de interesse, onde os materiais almejados partem ou convergem. Diante dessa possibilidade, a memória visual através da percepção, começa a direcionar intencionalmente a construção do conhecimento pelos códigos visuais.

Figura 08: Ponto Focal

moodle
ARL - ARL000

Atividades

- Avaliações do curso
- Chats
- Diálogos
- Diários
- Fóruns
- Glossários
- Mails
- Materiais
- Pesquisas de opinião
- Questionários
- Livro de registro visual
- Tarefas
- Wikis

Participantes

- Participantes
- Meu grupo
- Editar perfil

Programação

Amor (Hilda Hilst) [editar](#) | [excluir](#)

*Que este amor não me cegue nem me siga.
E de mim mesma nunca se aperceba.
Que me exclua de estar sendo perseguida
E do tormento
De só por ele me saber estar sendo.
Que o olhar não se perca nas tulipas
Pois formas tão perfeitas de beleza
Vêm do fulgor das trevas.
E o meu Senhor habita o rutilante escuro
De um suposto de heras em alto muro.
Que este amor só me faça descontente
E farta de fadigas.
E de fragilidades tantas
Eu me faça pequena.
E diminuta e tenra
Como só soem ser aranhas e formigas.
Que este amor só me veja de partida*

Repetir

- Amor
- Pessoa – sujeito
- Sentimento de perseguição
- Duas faces do amor
- Não visualiza o outro lado
- Medo de amar
- Se sente pequeno
- Se compara a algo diminuto
- Não tem interesse

[Processar](#)

Fonte: Elaborada pela autora/2019

3º Passo: Na construção visual, o material textual baseia-se na análise focal. Nesse passo, o caminho no percurso da construção perpassa a composição da imagem, partindo das ideias fomentadas no item anterior, podendo ser usado nos registros, imagens, redes conceituais teias conceituais entre outras possibilidades. Nesse ponto de construção do Registro Visual, a documentação passa a ter forma inteligível para a percepção do tutor e do cursista, exercitando a capacidade documental.

Figura 09: Ponto focal em imagens

moodle
ARL - ARL000

Atividades

- Avaliações do curso
- Chats
- Diálogos
- Diários
- Fóruns
- Glossários
- Mails
- Materiais
- Pesquisas de opinião
- Questionários
- Livro de registro visual
- Tarefas
- Wikis

Participantes

- Participantes
- Meu grupo
- Editar perfil

Programação

Amor (Hilda Hilst) [editar](#) | [excluir](#)

*Que este amor não me cegue nem me siga.
E de mim mesma nunca se aperceba.
Que me exclua de estar sendo perseguida
E do tormento
De só por ele me saber estar sendo.
Que o olhar não se perca nas tulipas
Pois formas tão perfeitas de beleza
Vêm do fulgor das trevas.
E o meu Senhor habita o rutilante escuro
De um suposto de heras em alto muro.
Que este amor só me faça descontente
E farta de fadigas.
E de fragilidades tantas
Eu me faça pequena.
E diminuta e tenra
Como só soem ser aranhas e formigas.
Que este amor só me veja de partida*

Repetir [Gerar síntese](#)

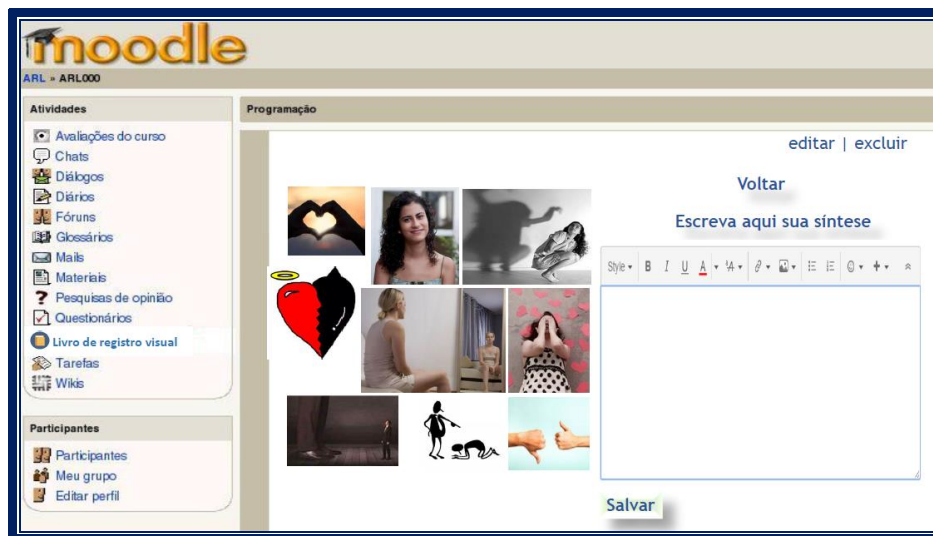
Grid of 12 images illustrating the poem's themes:

- Heart shape formed by hands
- Woman's face
- Bird
- Woman sitting
- Woman with hands on her face
- Hand holding a heart
- Person in a dark room
- Silhouette of a person
- Hand holding a heart

Fonte: Elaborada pela autora/2019

4º Passo: Síntese do pensamento. Após o segundo passo, a imagem passa a ser representacional na descrição do signo apresentado anteriormente, assim, a proposta é descrever a síntese do que foi realizado na interpretação, constituindo evento ímpar para o leitor visual e retomando o potencial interpretante do cursista, ao passo em que sintetiza para o tutor a especificidade do conteúdo trabalhado.

Figura 10: Organização da síntese



Fonte: Elaborada pela autora/2019

5º Passo: O professor tutor fará as observações sobre a escrita apresentada em forma de síntese, e o cursista poderá realizar as alterações necessárias a partir da orientação recebida neste passo de implementação, salvando em seguida a síntese com alterações.

Figura 11: Comentários do professor tutor

ARL - ARL000

Atividades

- Avaliações do curso
- Chats
- Diálogos
- Diários
- Fóruns
- Glossários
- Mails
- Materiais
- Pesquisas de opinião
- Questionários
- Livro de registro visual
- Tarefas
- Wikis

Participantes

- Participantes
- Meu grupo
- Editar perfil

Programação

editar | excluir

Original

Amor (Hilda Hilst)

Que este amor não me cegue nem me siga.
E de mim mesma nunca se aperceba.
Que me exclua de estar sendo perseguida
E do tormento
De só por ele me saber estar sendo.
Que o olhar não se perca nas tulipas
Pois formas tão perfeitas de beleza
Vêm do fulgor das trevas.
E o meu Senhor habita o rutilante escuro
De um suposto de heras em alto muro.
Que este amor só me faça descontente
E farta de fadigas.
E de fragilidades tantas
Eu me faça pequena.
E diminuta e tenra
Como só soem ser aranhas e formigas.
Que este amor só me veja de partida

Síntese

Um texto forte que ficarei anos absorvendo sua essência. Possui grandes surpresas e merece ser lido mais de uma vez. Não é de linguagem difícil ou lógica complexa, mas consegue nos fazer refletir sobre os limites de sanidade e saúde. Merecia os prêmios de melhor texto de 2010, melhor roteiro, Amei cada segundo! Recomendadíssimo.

Comentários do professor

Já na primeira cena pude perceber que era um filme para chocar e fazer refletir. Interessante que é um filme sem trilha sonora, o que não é comum. O silêncio serve para enfatizar ainda mais a carga dramática do filme. Muito emocionante mas não é filme para quem espera um final feliz. É um filme para pensar e repensar depois de assisti-lo.

Editar síntese

Ver minhas sínteses

Fonte: Elaborada pela autora/2019

6º Passo: Após a revisão do professor, o cursista deverá refazer a síntese com base nas observações e salvar, todas as sínteses estarão salvas e acessíveis para adequações se necessário, conforme a figura a seguir mostra:

Figura 12: Reescrita das sínteses

ARL - ARL000

Atividades

- Avaliações do curso
- Chats
- Diálogos
- Diários
- Fóruns
- Glossários
- Mails
- Materiais
- Pesquisas de opinião
- Questionários
- Livro de registro visual
- Tarefas
- Wikis

Participantes

- Participantes
- Meu grupo
- Editar perfil

Programação

editar | excluir

Amor (Hilda Hilst)

Que este amor não me cegue nem me siga.
E de mim mesma nunca se aperceba.
Que me exclua de estar sendo perseguida
E do tormento
De só por ele me saber estar sendo.
Que o olhar não se perca nas tulipas
Pois formas tão perfeitas de beleza
Vêm do fulgor das trevas.
E o meu Senhor habita o rutilante escuro
De um suposto de heras em alto muro.
Que este amor só me faça descontente
E farta de fadigas.
E de fragilidades tantas
Eu me faça pequena.
E diminuta e tenra
Como só soem ser aranhas e formigas.
Que este amor só me veja de partida

Sucesso!

Sua atividade agora está guardado

Análise do professor
(Revisado em 06/08/2019)

Ver minhas sínteses

Fonte: Elaborada pela autora/2019

Percebe-se que partindo da análise de um texto escrito, podemos organizar o ponto focal e construir uma imagem inteligível e comentar a funcionalidade dessa construção. Diante de uma síntese, contemplando dessa forma os passos constituintes da ferramenta idealizada. A educação é comunicação sempre foi desafiadora, seja no presencial como no virtual. Conforme cita Moran (2001, p.4)

aprendemos mais quando combinamos a forma equilibrada a interação e a interiorização. Portanto possibilitar aprendizagens novas no campo procedimental e atitudinal nos possibilitará ir além do conceitual, desta forma a ferramenta descrita terá contribuído para formação do acadêmico.

7 CONCLUSÃO

As implicações pesquisadas para apresentação desta dissertação, perpassa pela visão múltipla da Linguagem Visual, que objetiva a contribuição desta, para o processo de construção de competências na leitura e interpretação de textos na Educação a Distância. Diante das pesquisas realizadas, caracterizar os elementos visuais como padrão estético na transmissão da imagem, analisando os efeitos do alfabetismo visual como proposta nesta modalidade, nos conduz a implementação de uma ferramenta para justificar a problematização inicial a qual infere sobre a contribuição da linguagem visual no processo de leitura e interpretação de texto.

Na última década, as mudanças no campo linguístico da leitura e interpretação de textos inquietam educadores, nas diversas formas de conhecimento, as relações visuais tornam-se novas para o universo tecnológico no qual estamos inseridos. Compreender as diversas possibilidades que o educador pode e deve usufruir na sua base metodológica, nos reporta a questionamentos diversos. Para além disso, entra em voga a discussão de resultados excelsos, em que as inúmeras integralidades de informações fazem parte de uma realidade cada vez necessária na área educacional privar-se destas possibilidades é expungir tais fatos.

Pela ferramenta idealizada neste trabalho dissertativo, acredita-se na confiabilidade que pode oferecer para professores tutores nas diversas áreas do conhecimento. O “Livro de Registro Visual”, que inicialmente foi almejado somente para o componente curricular de Literatura e Arte, deverá subsidiar outras áreas, pela sua credibilidade e eficácia. Observa-se a necessidade urgente de fomentar o interesse dos cursistas em compreender e produzir sínteses efetivadas por competências inéditas e possíveis.

A viabilidade da ferramenta “Livro de Registro Visual” implementada na plataforma MOODLE, possibilitará ao tutor e ao cursista momentos de interação, idealizado pelo ponto focal que temos ao perceber um texto ou uma imagem. A proposta também é pertinente ao transmitir, a partir de uma memória visual, padrões inteligíveis no ambiente virtual, que por ser à distância, trará a segurança de diário contínuo para os textos propostos.

Superando este limite da distância diante do ambiente de aprendizagem, a segurança ao interpretar textos será minimizada na condição de interlocução, em que a cada singularidade do acadêmico poderá trazer novas respostas para

questionamentos comuns para a leitura, como a dificuldade de entender o que lê. Todo o processo de organização na produção e criação será instigante, tanto para quem lê e consegue focar e transformar em linguagem visual, (mesmo com as deficiências adquiridas ao longo da escolaridade), quanto para quem vier a apreciar.

Contudo, é papel do tutor aperfeiçoar-se nas ferramentas possíveis para a melhoria da qualidade do ensino a distância. O "Livro de Registro Visual" está inserido nessas possibilidades. Conhecer os benefícios para a leitura e interpretação em textos acadêmicos podem ser inusitados para o registro visual tão presente no cotidiano e por vezes distante da aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora: nova versão. São Paulo: Pioneira Thomson Learnig, 2005.
- BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BEHAR, Patrícia Alejandra (Org.). **Competências em educação a distância**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- BUORO, Anamélia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- COLL, César. **Psicologia e currículo**: uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar. São Paulo: Ática, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platUs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v. 4
- DONDIS, Donis A. **Sintexe da linguagem visual**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- FAVA, Rui. **Educação para o século XXI**: a era do indivíduo digital. São Paulo: Saraiva, 2016.
- FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Arte na educação escolar**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- GIRON, Myrna Cicely Couto. **Psicanálise e arte**: a busca do latente. Porto Alegre: Rigel, 2007.
- HACK, Josias Ricardo. Comunicação dialógica na educação superior a distância: a importância do papel do tutor. **Revista Signo y Pensamiento**, Bogotá, n. 56, 2010.
- HAUSER, Arnold. **História social da literatura e da arte**. São Paulo: Mestre JOU, 1972.
- HERNANDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- HERNANDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte**: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e tempo docente**. Campinas, SP: Papyrus, 2014.

MARCONI, M. D. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Mírian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Didática do ensino da arte**: a língua do mundo - poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MEIRA, Marly Ribeiro. **Filosofia da criação**: reflexões sobre o sentido do sensível. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MORAN, J. M. **Novos desafios na educação**: a internet na educação presencial e virtual. 2001. Disponível em: eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_educacao/novos. Acesso em: 10 jul. 2019.

OSTROWER, Fayga. **Os casos e criações artísticas**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

PALFREY, Jonh; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PAREYSON, Luigi. **Estética**: teoria da formatividade. Petrópolis,RJ: Vozes, 1993.

PROENÇA, Graça. **História da arte**. 12. ed. São Paulo: Ática, 1999.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam**: leitura da arte na escola. Porto Alegre: Mediação, 2009.

SILVA, Angela Carrancho da (Org.). **Escola com arte**: multicaminhos para a transformação. Porto Alegre: Mediação, 2006.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fortes, 1998.

YAN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e método. 5. ed. Porto Alegre: BOOKMAN, 2015.

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento



Universidade Federal Rural de Pernambuco

Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: LINGUAGEM VISUAL: COMPETÊNCIAS DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS EM EAD.

A JUSTIFICATIVA, OS OBJETIVOS E OS PROCESIMENTOS: o motivo pelo qual nos leva a estudar o uso adequado da linguagem visual nas aulas à distância.

DESCONFORTO, RISCOS E BENEFÍCIOS: Não deverão ser submetidos os riscos e desconfortos, mesmo que sejam mínimos.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: Os participantes responderão um questionário semiestruturado com 14 questões onde não há necessidade de identificação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para se recusar a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. O pesquisador irá tratar sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar desse estudo.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E IDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional em caso de haver gastos de tempo, transporte.

DECLARAÇÃO DO (A) PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE: Acadêmicos do curso de Pedagogia da faculdade IESM.

EU _____ fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar.

Declaro que concordo participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

NOME: _____

ASSINATURA DO PARTICIPANTE: _____

Timon, ____/____/____

QUESTIONÁRIO

1. Quais disciplinas você cursou em EAD?
2. Como você avalia seu conhecimento em EaD:
() Insuficiente () Suficiente () Excelente
3. Como considera o ambiente virtual que cursou a disciplina em EaD?
() Adequado () Inadequado () Satisfatório
4. Você tem dificuldades em interpretar e analisar os hipertextos apresentados no ambiente virtual? Justifique
() Sim () Não () Às vezes
5. Os elementos visuais apresentados no ambiente virtual contribuiu para interpretação e análise dos textos?
() Sim () Não () Às vezes
6. Os conteúdos visuais ajudaram a repensar sua prática em Docência, enquanto acadêmico? De que forma?
7. Que ferramentas você utilizou para apoiar a interpretação e análise dos textos?
8. Nas disciplinas cursadas em EaD, você foi instigado a produzir algum tipo de audiovisual educativo? Compartilhe esta experiência.
9. Você se considera um leitor visual na EaD?
() Sim () Não () Provavelmente
10. Você faria um curso em EaD, com a experiência que teve como cursista?
() Sim () Não () Provavelmente
11. Você conseguiu desenvolver outras estratégias de estudo a partir das leituras visuais no Ambiente Virtual?
() Sim () Não () Provavelmente
12. A disciplina cursada em EaD, lhe proporcionou a motivação necessária para continuar a pesquisa dos temas trabalhados?
13. Nas aulas cursadas em EaD, você fez alguma autoavaliação no percurso da aprendizagem virtual?
14. O que considerou como maior dificuldade nas aulas de EaD?

Obrigada pela sua contribuição